

Jair Rodrigues

REGINA ECHEVERRIA

Deixa que digam, que pensem, que falem

Jair Rodrigues

REGINA ECHEVERRIA

Deixa que digam, que pensem, que falem

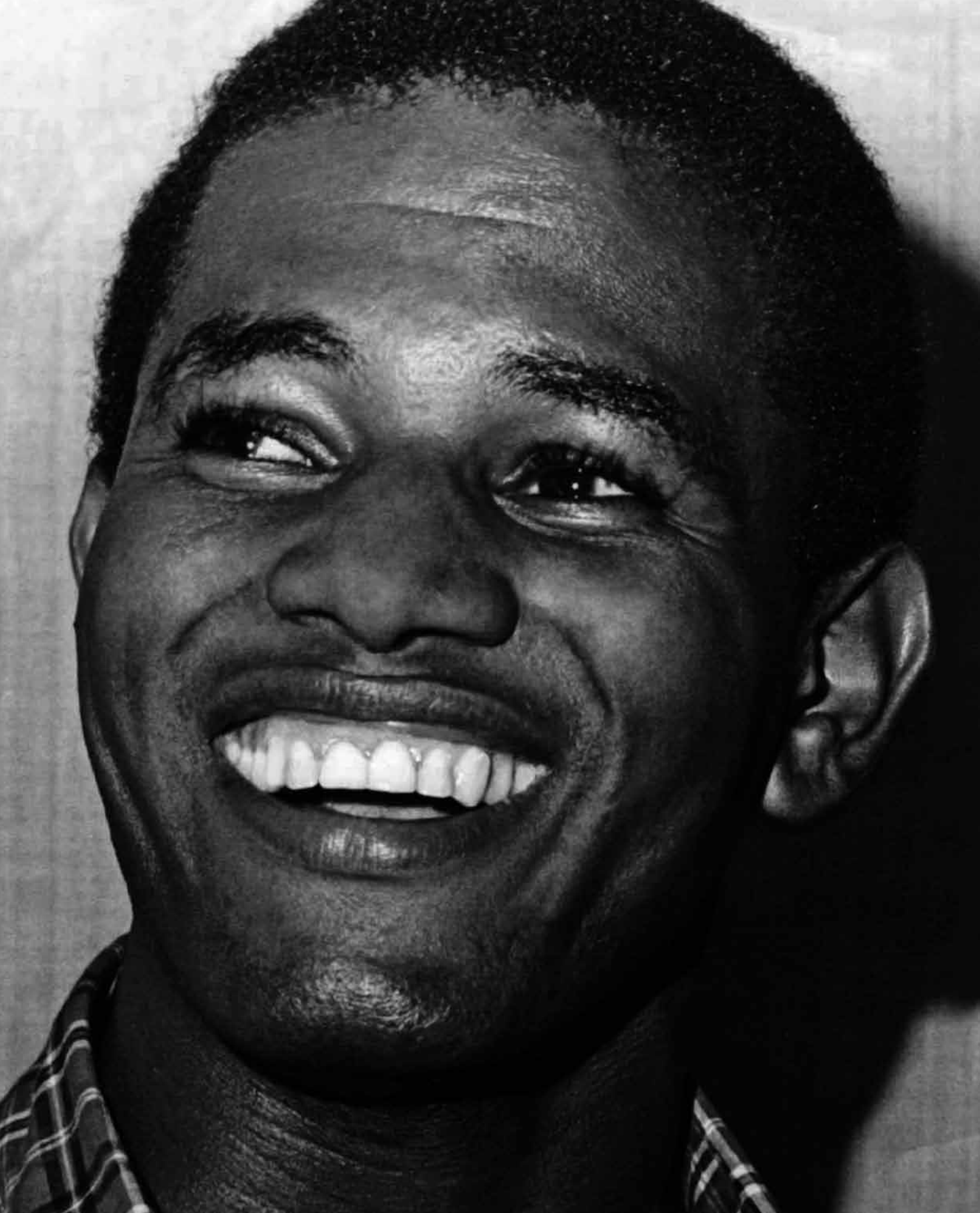
Jair Rodrigues

REGINA ECHEVERRIA

Deixa que digam, que pensem, que falem

Sumário

Prólogo	9	Igarapava, Nova Europa, a Vida na Roça	10		
A Vida em São Carlos e a Descoberta da Vocação	20	O Tiro de Guerra e o Restaurante Bambu	27		
São Paulo, o Começo de Tudo	31	Um Cantor da Noite	36	Venâncio e Corumba, a Vida Profissional	41
Deixa que Digam, que Pensem, que Falem...	51	Elis e Jair, O Fino da Bossa	56		
Disparada e o Fim de Elis e Jair	71	A Carreira Internacional e o Casamento com Clodine	89		
A Saída da Philips e o Balão Mágico para Jairzinho	96	Dois filhos artistas e o renascimento	109		
Uma Casa no Campo	115	Aos 70 anos e a saúde em forma	120	Cronologia	127



Em memória de Elis Regina



Prólogo

Regina Echeverria

A primeira vez que o vi foi na televisão, ao lado de Elis Regina, no palco do teatro Record, cantando um *pot-pourri* memorável do qual a minha geração jamais esqueceu. Aquela sequência de músicas brasileiras combinava tanto entre si que, por anos, nos pareceu uma única e só canção. Depois o conheci pessoalmente, em depoimento para o meu livro *Furacão Elis*, sobre sua parceira nos anos 1960. Encontrei em Jair Rodrigues um exemplo do Brasil que se supera. Nascido no meio de um canavial no interior paulista, hoje é conhecido em todo o país e com verbete garantido em qualquer história da nossa música popular que nasceu nos fervilhantes anos 1960. A voz clara, cristalina, reconhecível e popular. Talvez seu jeito brincalhão tenha afastado alguns possíveis fãs, mas isso não passa de puro preconceito. O cantor Jair Rodrigues ainda é um legítimo representante dos velhos seresteiros do Brasil, mesmo quando canta samba. E, embora não me identifique com parte de seu repertório mais recente, reconheço suas qualidades de intérprete sensível e sempre melodioso. *Deixa que digam, que pensem, que falem...*

O cidadão Jair Rodrigues de Oliveira que conheci mais a fundo nos últimos dois anos em que me dediquei a este livro-depoimento é surpreendente. Pude contar com sua fabulosa memória para reconstruir a infância em Igarapava e Nova América, a adolescência em São Carlos e o começo da carreira profissional, ainda “de menor”, cantando em boates e restaurantes da capital paulistana. E, ainda, com suas histórias engraçadas da época do *Fino da Bossa*, da TV Record, os bastidores dos festivais de música popular brasileira.

Foi um imenso prazer descobrir que Jair Rodrigues, ao contrário de muitos artistas contemporâneos seus, cuidou com inteligência de seu patrimônio, da educação dos dois filhos – dois artistas – e do casamento com Clodine, que dura até hoje. Aos 71 anos, segue com energia de sobra para se apresentar em *shows* por todo o país e no exterior. Com ele aprendi sobre uma época em que me apaixonei pela música popular brasileira.

Espero que os leitores também.

Igarapava, Nova Europa, a Vida na Roça

Nasci no meio de um canavial. Minha mãe trabalhava na roça, já estava para dar à luz e, mesmo assim, foi trabalhar. Cortar cana. Lá pelas duas ou três da tarde, estourou a bolsa. Fizeram um colchão com palha de cana e eu vim ao mundo ali mesmo. Meu cordão umbilical foi cortado à base de facão e jogaram muita água em cima de mim.

Fui registrado Jair Rodrigues de Oliveira em 6 de fevereiro de 1939, uma segunda-feira, em Igarapava, interior de São Paulo, distante 459 quilômetros da capital. Igarapava fica na região nordeste do Estado, no Vale do Rio Grande, divisa com Minas Gerais.

Ainda era menino de colo quando uma tragédia se abateu sobre a nossa pequena família – minha irmã mais velha, Maria Helena, meu irmão Jairo, eu e minha mãe Conceição. Foi num dia como outro qualquer do ano de 1940, quando meu pai, Rodrigo Severiano de Oliveira, veio almoçar em casa depois de uma manhã de labuta amansando os animais da fazenda onde trabalhava. Era peão de boiadeiro. Era ele quem cuidava do serviço de domesticar os animais, acalmá-los, torná-los úteis para o patrão.

Meu pai chegou para o almoço depois de dobrar um burro bravo e o amarrou do lado de fora. Conta minha mãe que, depois de comer, ao pegar o burro para voltar à fazenda, aconteceu o inesperado: assustado, o animal empinou-se todo e a chinha – aquela cinta que amarra o arreio no animal – soltou-se. Ele caiu sentado no chão duro de terra batida e impressionou a todos pelo barulho surdo e tenebroso de seu corpo espatifado no chão. Perdeu os sentidos. Dizem que sangrou até morrer.

Eu sequer o conheci. Como também não conheci meus avós, nem por parte de mãe nem por parte de pai. Conceição Maria Rosa Rodrigues de Oliveira, minha mãe, nos contou que naquela época ela já não trabalhava mais na roça, só em casa. Meu irmão Jairo costumava me dizer que meu pai, Rodrigo, era bastante parecido comigo. Às vezes dizia:

GRUPO ESCOLAR DE NOVA EUROPA



FOTO SASAKI
NOVA EUROPA

DIPLOMANDOS DE 1951

– Puxa vida, estou conversando com você e me lembro do nosso pai!
E me contava que ele era risonho, festeiro, alegre.

Eu também sou assim. Outra característica que herdei do meu pai foi a de bater o olho em alguém e perceber se a roupa que a pessoa está usando deixa à mostra algum fio solto, um furo, um pedaço rasgado. Meu pai também tinha essa cisma. O pessoal com quem ele convivia lidava muito com arame farpado, passava por cima da cerca e rasgava a roupa. Quando acontecia com ele, não dava outra: ao chegar de tarde em casa, ele trazia outra camisa e dizia para minha mãe:

– Essa aqui não presta mais! Não uso esse negócio rasgado porque dá um azar desgraçado!

Ele acreditava mesmo que roupa rasgada trazia má sorte. Depois da morte precoce e chocante de meu pai, minha mãe Conceição precisou voltar ao trabalho para garantir o sustento dos filhos. Resolveu, então, deixar Igarapava e suas tristes lembranças e mudar-se para perto, Curupá. Mas antes ela conheceu aquele que seria meu padrasto, Alexandre José Soares, também trabalhador no engenho de cana. E foram os dois para enfrentar a nova vida. Alexandre, na verdade, também era viúvo e tinha dois filhos, Helena e Orlando, que foram morar com a gente em Curupá, cidade que fica entre Igarapava e Nova Europa.

Minha mãe e Alexandre casaram-se e foi ele quem me criou. Ele tinha uma carroça, com uma parrelha para oito bois. Na carroça, transportava lenha para as caldeiras da usina. Com uns quatro ou cinco anos, eu também já ajudava a carregar a carroça.

Meu padrasto era um matuto, não sabia ler nem escrever, como a minha mãe também nunca quis aprender nem a ler nem escrever. Cada vez que a gente pegava no pé dela, a resposta vinha rápida:

– Burro *veio* não aprende não, burro *veio* não aprende mais nada, não!

Eu dizia sempre:

– Mãe, isso tá errado!

Com o meu padrasto era a mesma coisa, mas eles tinham a inteligência deles. Meu padrasto era um homem que o que falava você podia escrever. Ele sabia as horas pela posição do sol. Tinha conhecimento da vida, do mato, conhecia todos os tipos de verduras, frutas, legumes, de árvores. Parecia saber de tudo e minha mãe também. Você podia chegar para o matuto e perguntar: *você sabe a hora?*

Ele certamente iria te responder:

– Falta pouco para as duas horas da tarde.

Nem precisava conferir.

Toda manhã, ele pegava a marmita que minha mãe fazia. Em seguida, os dois saíam para o trabalho. Ela comia no emprego, mas ele não, tinha que levar marmita. Por incrível que pareça, todos esses caras, do mato, eles não esperam chegar meio-dia, tipo dez e meia, onze horas, já estão comendo. E eu quase aprendi isso. Quase, porque, contava minha mãe, que com quatro ou cinco anos, eu comecei a ajudá-los na colheita do café, na colheita do algodão, no corte de cana.

Era menino, mas minha mãe contava que eu era fortinho, que aos quatro anos ela botava um feixe de lenha ou cana na minha cabeça e eu levava para dentro daqueles carros de boi. Às vezes, eu, menino, dirigia a carroça de boi. Era gostoso.

Meu padrasto, Alexandre, também era um homem alegre, gostava de festas, não dispensava a sua cachacinha, gostava demais da sua cachacinha. Não só ele, mas praticamente todos os trabalhadores da cana faziam a sua cachacinha de alambique. Naquela época, onde havia trabalho – de plantio ou de colheita – era para lá que iam os cortadores de cana, a gente da roça.

Pouco tempo depois, de Curupá nos mudamos para Nova Europa, hoje região administrativa de Araraquara e a 331 quilômetros da capital paulista.

Estávamos no começo dos anos de 1940. Minha mãe havia conseguido um emprego na Fazenda Itaquerê (Companhia Açucareira Itaquerê), assim batizada em homenagem ao rio do mesmo nome que corre próximo às suas terras. Foi trabalhar como empregada doméstica para a família Magalhães, dona da fazenda de cana-de-açúcar que de tão grande e importante tinha



uma ferrovia particular, que saía da estação de Curupá, no ramal de Tabatinga da Estação de Ferro de Araraquara. A fazenda ficava nos arredores de Nova Europa.

E nossa vidinha ia se desenhando daquela maneira, quando um vendedor ambulante apareceu na Fazenda Itaquerê e convenceu minha mãe a comprar uma rifa, que seria sorteada pela loteria. O prêmio era uma casa. Ela comprou e rezou. E, por uma dessas sortes do destino, foi sorteada e ganhou a casa, com o inconveniente de que o imóvel ficava em Campinas, longe dali. Não sei como, mas minha mãe acabou vendendo a casa de Campinas e comprando um casarão na própria cidade de Nova Europa. Foi em Nova Europa que se escondeu o médico nazista Josef Mengele, em 1960. O *Anjo da Morte* viveu com o refugiado e húngaro Geza Gitta Stammer e trabalhou como gerente de sua fazenda.

Durante um período, moramos na casa de Nova Europa e minha mãe ia trabalhar na fazenda. Eu amava aquela casa! Tinha um pomar enorme e, quando era tempo de manga, de laranja ou abacaxi, eu e meu irmão Jairo saíamos pelas ruas da cidade vendendo frutas, para garantir uns trocados.

E nessa tentativa de garantir trocados, houve a fase em que fui engraxar sapatos. Minha mãe comprou uma caixinha para mim. Naquele tempo não se usava tinta, nem graxa. Era água. Você pegava e jogava água no sapato, ou álcool, e aí dava uma escovada e deixava no sol para secar a água, enquanto um pé secava, eu trabalhava no outro. Todos os domingos de manhã, depois da missa, minha mãe ia embora para casa e eu ia para a pracinha engraxar sapatos. Devia ter um seis anos.

Depois, conheci um cara que lavava o cinema da cidade. Lembro que ele era fanho, falava pelo nariz e se chamava Terto. Um dia me convidou para ajudá-lo a limpar o cinema, em troca de ingresso grátis. Ele não era muito velho, deveria ter uns 16, 17 anos. Um garotão. Comecei a ajudá-lo, mas meus amigos também queriam ver os filmes de graça e, quando eu entrava no cinema, sempre largava aberta a porta dos fundos para que eles pudessem entrar.

Depois de um tempo, Terto levou uma bronca tremenda do dono do cinema, que percebeu a molecada entrando de graça. E ele descobriu que era eu o culpado por deixar a porta destrancada. Fiquei pouco tempo como lavador de

cinema. Mesmo assim, deu para ver muitos filmes do Tarzan, do Johnny Weissmuller, de Jane, da macaca Chita. Gostava também do Durango Kid. Todos aqueles filmes de caubói. Em desenho eu não era muito chegado não, gostava mais de filme de caubói, do John Wayne.

Quando eu tinha de sete para oito anos, minha mãe falou:

– *Oia meus fio*, eu tenho que botar *ocês pra aprendê* um ofício!

E me colocou para aprender o trabalho de alfaiate. Meu irmão foi aprender o ofício de mecânico. Arranjei colocação na alfaiataria e Jairo na oficina mecânica. Aprendi a costurar antes mesmo de aprender a ler. Três homens me ensinaram a arte da alfaiataria: Aurelino Silva Souza, baiano, que ainda está vivo, José Valente, já falecido, e Alaor Buzar. Éramos funcionários da Alfaiataria Cazzeto, sobrenome do Argelindo, o dono. A mulher dele chamava-se Mariazinha. E eu era calceiro, aprendi e me especializei em fazer calças. Antes disso, tive que ficar craque na arte de chulear.

O primeiro dos muitos apelidos que tive na vida foi Grande Otelo, não sei o motivo. Talvez porque na época eu fosse baixinho, meio fortinho, atarracadinho. Eu não entendia nada, não tenho nem cacoete de Grande Otelo, nunca tive.

Com nove, dez anos, já costurava bem. Mas antes disso entrei para a escola e fiz o curso primário. Minha mãe fez de tudo para me botar na escola. Quando meu irmão entrou, ele já deveria ter uns dez anos, eu tinha oito. Quando Jairo começou a aprender a ler, minha mãe disse:

– Está vendo meu filho, você também tem que aprender, você também tem que ir para a escola.

Eu dizia:

– Não vou para a escola, eu não sei ler!

Ela dizia:

– Deixa de ser besta menino, só vai na escola quem não sabe ler para aprender!

Ela dizia que eu chorava, não queria saber de escola não. Aí, a partir da hora que eu entrei na escola, eu me dei tão bem, que descobri outro mundo. E lá a gente tinha que aprender o *Hino Nacional*, o *Hino da Bandeira*.

Todas as festas, todos os feriados, então a gente aprendia, a primeira coisa, a gente perfilava, lá no pátio da escola, e cantava o *Hino*. Foi quando a própria professora, dona Alice, começou a prestar atenção na minha voz, que já se destacava no meio da molecada.

Todas as vezes que minha mãe ia à escola para saber como eu e o Jairo estávamos nos comportando – ela era fogo, era pé firme, pegava a gente pela orelha – dizia:

– Sua mãe não sabe ler nem escrever, mas quero saber da sua professora se você está sendo levado!

Mas eu era estudioso e a professora sempre confirmava e ainda dizia à minha mãe:

– Ele canta muito bem. Fica na frente de toda a turma para cantar o *Hino Nacional*.

Católica fervorosa, minha mãe teve a ideia de me levar para o coral da Igreja de Nova Europa. Ela nos levava para assistir à missa aos domingos e eu só conseguia prestar atenção no coral. Dona Conceição retrucava:

– Presta atenção na missa!

E me tascava um beliscão. Doía. Ela pegava na orelha da gente com força:

– Presta atenção na missa, rapaz!

Depois, passei a fazer parte do coral da igreja, lugar onde eu participava também do time de futebol. O padre era o técnico e nos levava para jogar em campeonatos na cidade de São Carlos, Araruba, na Fazenda Itaquerê, em Nova Europa. Eram campeonatos mirins. E o que o padre fazia?

– Quem não vier à missa não joga!

Todos nós íamos, para não correr o risco de ficar fora do time. E eu sempre gostei, era o meu forte, estava até me preparando. Eu pensava que ia ser um craque de futebol. Mas quem acabou com essa minha onda foi a minha mãe. Ela realmente não gostava que eu jogasse bola, de jeito algum. A gente jogava descalço e naquele tempo não tinha asfalto. Aos sábados e domingos fechávamos a rua e com duas pedras marcávamos a área do gol.

Nossa Senhora, eu amava. Aquilo era tudo para mim. Tanto que minhas pernas têm muitas marcas que permanecem até hoje.

E cada vez que eu chegava em casa machucado, minha mãe até chorava:

– Meu *filho*, pára com esse negócio de bola, meu filho! Você não dá pra isso!

Para compensar, ela me elogiava como cantor. O meu padrasto era muito ligado em música sertaneja. Certa vez comprou um violão e uma viola para que eu e meu irmão, Jairo, fizéssemos dupla, mas ela terminou no ensaio.

Em Nova Europa tinha aqueles seresteiros, aquele pessoal que saía cantando nas janelas da amada, nas fazendas, e eu fugia à noite para ouvi-los. Nós morávamos num sobrado, pagávamos quase nada, acho que o dono deixou a gente morar lá porque ninguém queria saber de morar em sobrado, porque diziam que aquilo era coisa mal-assombrada. Um sobradão, acho que cabiam umas dez pessoas lá dentro.

Eu e o meu irmão dormíamos na parte de cima, e minha mãe com meu padrasto ficavam embaixo. Então, o que a gente fazia? A gente deixava uma escada na varanda que dava para nossa janela, porque meu padrasto queria ver todo mundo dormindo, não dormia enquanto a gente não fosse dormir. Era sempre a mesma ladainha:

– Vão pra cama, isso não é hora de moleque estar na rua, não!

E eu sabia que tinha aquele seresteiro e gostava. Então descia as escadas, saía no pomar, não tinha cachorro, não tinha nada para fazer barulho, só tinha galinha, aí a gente atravessava um riozinho assim, tirava os sapatos, pulava lá do outro lado do riozinho, do córrego, e ia acompanhar os seresteiros até bem tarde. Na volta era o mesmo processo. Eu sempre gostei de acompanhar esses seresteiros, esses violeiros, ficava lá, sentado, ouvindo. Aprendia as músicas:

– *Deixa a cidade, formosa morena...*

Eu era pequeno, mas sabia de tudo isso.

– *Boa noite amor, meu grande amor...*

Na verdade, foi na alfaiataria que comecei a me inteirar das músicas populares do Ataulfo Alves, Silvio Monteiro, Mendes Silva, Silvio Caldas, Dalva de Oliveira, Ângela Maria, Agostinho dos Santos. Porque os três rapazes que trabalhavam lá, os três empregados, eles também cantavam.

Minha infância foi pobre, mas nunca passamos fome. A gente sabia que, se trabalhasse, vivia. Então minha mãe mexia com tudo, eu engraxava para ajudar o pessoal, dava uma força na farmácia para colocar os remédios nos lugares. Tudo o que aparecia e podia ajudar em casa eu pegava. Mas fome, graças a Deus, nunca. Tanto é que, quando perdemos nosso pai Rodrigo, algumas pessoas se ofereceram para nos criar.

– Deixa eu levar seus filhos? Me dá dois desses filhos?

Naquele tempo era assim. Porém, minha mãe sempre dizia:

– Meus filhos não! O que eu comer meus filhos vão comer e eu mesma fiz e eu mesma vou criar. Seja lá o que Deus quiser!

A Vida em São Carlos e a Descoberta da Vocação

Quando completei 14 anos, em 1953, minha família resolveu deixar Nova Europa e tentar a vida em São Carlos, onde alguns amigos e vizinhos já haviam se estabelecido e nos mandavam boas notícias sobre a cidade. São Carlos, a 231 quilômetros da capital paulistana, já era uma promessa de desenvolvimento naquele tempo. Era conhecida como a *cidade do clima*, devido ao ar seco e ameno. Hoje é conhecida como a *capital da tecnologia* – um em cada 180 habitantes tem título de doutor (no Brasil, o número é de 1 para cada 5.423 habitantes), 39 cursos de graduação e 70% dos programas de pós-graduação locais são da área de ciências exatas.

E lá atrás, ainda nos anos 1950, minha mãe vendo que eu já tinha aprendido um ofício e meu irmão também, sentiu que estava na hora de procurar vida melhor em outra cidade. Só que a família não mais estaria unida nesta empreitada. Meu irmão Jairo não foi conosco. A relação entre ele e meu padrasto Alexandre não tinha conserto. Ele não quis ir conosco, pois nunca aceitou de fato a autoridade dele.

Tinha uma *pinimba* muito grande entre os dois. Jairo não obedecia. Quando chegava a época de plantar feijão, plantar milho, Alexandre nos dava uma vasilha com sementes e era preciso colocar no máximo três grãos de feijão ou de milho em cada cova. E meu irmão colocava um monte. Eu fazia direitinho. E meu padrasto avisava:

– Se nascer mais de três pés de feijão e milho aqui vou esfregar sua cara e fazer você arrancar!

E, claro, isso sempre acontecia com os pés que ele plantava. Meu padrasto também não era fácil. Como eu obedecia, ele me tratava bem. Mas com o Jairo era diferente. Eles brigavam muito, até que Jairo saiu de casa aos 14 anos e foi morar em Araraquara, trabalhar como mecânico. Morava dentro da oficina.

Em São Carlos fomos viver num bairro chamado Tijuco Preto, Rua da Raia, uma casa perto do cemitério. Ali havia também uma área grande beirando

o cemitério, onde a garotada improvisou um campo de futebol. E eu adorava jogar futebol, apesar da minha mãe, e comecei a fazer amizade com aquele pessoal. No quintal de casa tinha um poço de água. E a turma que jogava bola deixava as camisas e meias para minha mãe lavar. E o saco de bolas também ficava em casa.

Quando completei o primário, não continuei a estudar. Só costurava. Fui procurar emprego numa alfaiataria em São Carlos e eles davam preferência a pessoas que costurassem em casa. Diante disso, minha mãe comprou uma máquina de costura – a primeira que tive e que está comigo até os dias de hoje –, para que eu pudesse trabalhar em casa. E, junto, ela comprou uma radiovitrola. Televisão, a gente via na casa dos vizinhos.

E minha rotina passou a ser costurar e ouvir rádio.

Escutava Francisco Alves, Orlando Silva, Elizete Cardoso, Agostinho dos Santos. Naquele tempo não tinha essa coisa de música específica para cada programa, tocava-se de tudo. E eu cantando junto! Minha mãe, então, chamava as amigas e dizia:

– Meu *fiô* acho que vai dá pra um bom *cantô!*

E me incentivava cada vez mais.

E, para brincar, eu sempre falava para ela:

– Que dá pra bom cantor, o que é isso?

E ela, sem malícia:

– Não tô falando nesse sentido não, seu bobagento.

Um dia, minha irmã Maria Aparecida, que hoje mora em Jacareí, se interessou em cantar. Adorava cantar as músicas de Dalva de Oliveira, Ângela Maria e se inscreveu para ir ao programa de calouros em São Carlos. E eu fui incumbido de levá-la na rádio São Carlos. Fomos de bonde.

Nesse mesmo dia do ensaio, minha mãe avisou toda a vizinhança:

– Minha *fia* vai *cantá* hoje na *rádial*!

Maria havia ensaiado um grande sucesso de Ângela Maria, *Lábios de Mel*. Porém, minha irmã tinha um vozeirão, mas nenhuma noção de ritmo. O pessoal da orquestra tentou ajudar, mas não dava certo. Ela começava a cantar e atravessava. Percebendo a aflição, resolvi ajudá-la, passando o ritmo pra ela:

Meu amor quando me beija/vejo o mundo revirar.

O chefe do conjunto virou-se para mim e falou:

– Que pena, sua irmã não passou no teste. Mas você não quer cantar pra ver se passa?

E eu sabia uma música que era cantada pelo Francisco Alves, *Vivo bem na minha terra*, samba de 1941 (Gastão Vianna – Jorge Faraj)

Ah, se eu pudesse, vivia como lorde na Inglaterra...

E cantei. Minha irmã ficou tiririca, fula da vida comigo. Porque no final, ganhei o concurso. Ganhei um prêmio de 500 mil réis, um par de meias, um cinto e uma camisa. A partir daquele dia, todos os domingos eu voltava à rádio. Uma loucura! Ela me adora, gosta de mim, mas nessa área é completamente frustrada. Um dia falei com ela: parece que você ainda carrega isso. Eu percebo, mas deixo para lá.

Voltei a cantar na rádio São Carlos umas quatro ou cinco vezes seguidas, sempre aos domingos.

Mas, desde que fui morar em São Carlos, meu sonho era ser jogador de futebol, não pensava em ser cantor. Comecei a jogar no meio da rapaziada no campo ao lado do cemitério, no Tijuco Preto. E eu jogava no meio dos grandes, uma moçada de 26, 27 anos. Eles levavam aquele bate-bola muito a sério. Um dia um adversário entrou na minha perna com tudo, uma



pancada violenta, um coice, que acabou destruindo o músculo. Quase viro saci-pererê. Passei a andar de muletas. Diante do estrago, minha mãe decidiu com muita determinação:

– Você não vai mais jogar!

A reabilitação se deu aos poucos. Eu ainda era um molecote de 15 anos e tinha muita saúde. Talvez para tirar o futebol definitivamente dos meus planos de futuro, minha mãe passou a incentivar minhas cantorias com mais intensidade. Começou levando as amigas em casa para me ouvir cantar. Nossa casa ficava no alto e tinha um corredor que dava para a sala onde eu costurava. A janela abria para um muro bem baixinho. Eu costurava e cantava. Quando olhava para cima, estava cheio de gente. Aí minha mãe disse:

– Meu *fio*, se você continuar assim vai dar num grande cantor!

Tinha meus 17, já era bem crescidão, e comecei a frequentar aqueles clubes, os clubes da cidade. Cantava, dava canja.

Quando atingi a faixa dos 17, quase 18 anos, fui servir no Tiro de Guerra de São Carlos, TG-43. Entrei no exército. Logo ao me apresentar e já nos primeiros dias encontrei uma turma muito bacana que todos conheciam como Grupo A. Servíamos do meio-dia às seis da tarde. Como eu tinha que costurar de manhã, minha ordem unida era de meio-dia às seis. No exército aprendi a atirar, a marchar, dar ordem unida. E foi ali que ganhei o meu segundo apelido, de tantos outros que eu ainda teria na vida. Grande Otelo ficou para trás e surgiu o Peru. E era porque eu marchava feito um peru. Os caras morriam de rir ao me ver marchando.

No quartel também acontecia de recebermos castigo. Enquanto o sargento estava dando aulas na lousa, os soldados jogavam bolinha de papel, faziam bagunça. E como castigo a gente tinha que molhar o pátio. Todo barrento, a gente tinha que se esfregar no barro e chegar em casa todo enlameado. Porém, no dia seguinte, tinha que voltar limpinho pro quartel.

Ainda bem que eu tinha logo duas mudas de fardas. E os meninos do meu grupo também gostavam de batucada, gostavam de cantar e jogar bola. E então passei a ser o *crooner*, o cantor do Grupo A. Até que um dia um amigo me falou:

– Peru, tem uma casa aqui em São Carlos de um restaurante chamado Bambu e o cantor vai pra São Paulo. Você não quer ir lá fazer um teste?

Um desses colegas do Exército tinha o apelido de Quatroquinha, era o mais terrível amigo da gente, era o que fazia as anarquias lá com o sargento, embora ninguém contasse e, por isso, os castigos eram aplicados em grupo. E esse Quatroquinha era meu fã, um cara danado. Era um daqueles que acabou me levando para o Bambu.

Eles tinham amizade com um tal maestro, Félix. E resolveram então me levar até a sua casa e me apresentar a ele.

Mal sabia eu que depois de conhecer o maestro Félix minha rota do destino seria traçada.



O Tiro de Guerra e o Restaurante Bambu

O ano era 1959 e eu já com meus 19 anos. Um sábado à tarde, os meus amigos da Turma A do exército me levaram até a casa do maestro Félix. Meu horizonte, naquele tempo, era pequeno, não sonhava com nada em especial, além de defender a vida com o trabalho da alfaiataria e cumprir meu tempo de quartel. O futebol já havia ficado para trás.

Ao chegar à casa do maestro Félix, a primeira pergunta que me fez:

– O que você gosta de cantar?

Eu disse que gostava das músicas do Agostinho dos Santos...

Agostinho era o meu cantor favorito. Naquele ano, ele tinha gravado o que seria o maior sucesso de sua carreira, *Manhã de Carnaval*, de Luís Bonfá e Antônio Maria, música da peça e depois do filme *Orfeu Negro*. Ele era paulista e eu adorava sua voz macia, privilegiada.¹ Embora a bossa nova tivesse surgido um ano antes, com João Gilberto e seu *Chega de Saudade*, nos anos 1957, 1958 e 1959, outras canções também ocuparam a parada de sucessos, como *Castigo* (Dolores Duran), *Atiraste uma Pedra* (Herivelto Martins e David Nasser), *Meu Mundo Caiu* (Maysa), *Viva Meu Samba* (Billy Blanco), *Deusa do Asfalto* (Adelino Moreira). Canções que eu ouvia na rádio e aprendia a cantar.

Naquela tarde de sábado lá em São Carlos, quando revelei ao maestro Félix minhas predileções musicais, ele me apresentou várias partituras de canções que ele conhecia e eu também. Gostou da minha voz e do que ouviu, pois combinamos que eu deveria aparecer à noite no restaurante Bambu, onde ele tocava acompanhando um cantor que estava de mudança para São Paulo.

1. Agostinho dos Santos morreu em 1973, em trágico desastre aéreo nas imediações do Aeroporto de Orly, em Paris, no voo Varig 820.

Fui com meus amigos do Grupo A. E percebi que os frequentadores tomavam drinques, comiam e batiam papo sem sequer perceber a música que estava tocando. Foi quando o maestro Félix me chamou para cantar.

Comecei acompanhado de teclado, piano e bateria:

*Manhã, tão bonita manhã
Na vida, uma nova canção
Cantando só teus olhos
Teu riso, tuas mãos
Pois há de haver um dia
Em que virás
Das cordas do meu violão
Que só teu amor procurou
Vem uma voz
Falar dos beijos perdidos
Nos lábios teus
Canta o meu coração
Alegria voltou
Tão feliz a manhã
Deste amor²*

E notei que o pessoal que estava bebendo começou a prestar atenção. E foi indo assim muito bem, pois a cada canção nova eles aplaudiam. Depois da apresentação, o dono do restaurante Bambu falou comigo:

– Puxa, você canta em algum lugar?

O maestro Félix respondeu por mim:

– Ele veio aqui para ver se consegue cantar no Bambu nos fins de noite.

2. *Manhã de Carnaval*, Luís Bonfá e Antônio Maria.



Aí estabeleceram um cachezinho para mim e gostei. Foi a primeira vez que cantei e recebi por isso. Minha mãe gostou demais.

Meu irmão Jairo era sargento do exército e, quando ia a São Carlos nos visitar, passou a me presentear com discos, livros e informações sobre música, para que eu pudesse saber mais sobre a profissão de cantor. Ele me ouviu uma noite no Bambu e também tinha ficado impressionado.

– Ah, meu irmão, mas você canta!

Numa dessas visitas, Jairo perguntou à minha mãe o que ela acharia se eu me mudasse para São Paulo. Usou o argumento de que eu poderia morar com ele em Osasco, onde servia. Jairo já era casado e minha mãe confiava nele. Adoramos a ideia. Jairo foi muito prático:

– Jair vai morar comigo, porque aqui em São Carlos, se ele ficar não vai ter condições. Não vai caminhar, vai ficar sempre aqui, então vou levar ele para São Paulo, porque em São Paulo tem mais condição e enquanto não ingressa na carreira artística ele vai aproveitar para ganhar a vida. Eu já tenho um lugar para ele trabalhar como alfaiate.

E assim foi feito. Deixei São Carlos, os amigos, o restaurante Bambu, a alfaiataria e levei para São Paulo as boas recordações da minha vida naquela cidade.

São Paulo, o Começo de Tudo

Desembarquei em São Paulo no ano de 1959. Cheguei com meu irmão Jairo em Osasco e fomos direto para a casa dele no Jardim de Abreu. Ali moravam Odete, minha cunhada, a mãe dela e as irmãs, uma se chamava Marcília. Viviam todos juntos. Quatro ou cinco dias depois saí à procura de trabalho por ali mesmo. Trabalho de alfaiate, claro. Consegui uma colocação na Alfaiataria Primor. Era para garantir a sobrevivência nos primeiros tempos.

Mas, pouco tempo depois, meu irmão Jairo chegou em casa e disse:

– Jairo, se apronta! Hoje vamos conhecer a noite de São Paulo!

Foi um problema arranjar um jeito de me vestir bem para aquela importante jornada. Meu irmão sairia fardado e eu não tinha terno. Ele me emprestou o dele, embora eu tivesse que espichar a calça porque ele era bem menor do que eu. Àquela altura eu já tinha meus 1,80 metro. Não era mais parrudinho como na infância. Tinha virado um pirulitão. Vesti finalmente o terno reformulado, camisa social e uma gravata bem fininha.

Nosso primeiro destino foi a Avenida 9 de Julho, que sai do centro da cidade. E paramos numa casa que se chamava 707. Bar 707. Entramos e procuramos uma mesa, até Jairo identificar com quem poderia falar ali. Depois dirigiu-se ao gerente:

– Meu irmão é cantor. Será que ele pode dar uma canja?

O homem concordou. Peguei o microfone e cantei. Todos foram educados, gostaram do que ouviram, porém imediatamente ficamos sabendo que a casa não precisava de um *crooner*. A turma do 707 acabou nos incentivando a procurar outros endereços.

E foi o que fizemos. Naquela mesma noite, visitamos outra casa noturna. Era um lugar engraçado. Durante o dia, chamava-se Panificadora São Bento e, à noite, Gruta São Bento. Ficava exatamente na rua São Bento, no edifício Martinelli. Chegando lá, meu irmão usou dos mesmos artifícios. Procurou o gerente:



– Olha, está aqui meu irmão. Ele canta. Será que pode dar uma canja?

E na Gruta São Bento um sanfoneiro chamado Rolando Sterzi cantava músicas italianas. Ele disse que eu podia pegar o microfone. E comecei a cantar. Para nossa surpresa, ao terminar minha apresentação, o dono da Gruta me convidou para cantar lá. Ficamos felizes da vida, pois na segunda tentativa já arranjei um trabalho. Havia, no entanto, um empecilho legal. Eu, com 19 para 20 anos, ainda era menor de idade pela legislação em vigor na época – maior de idade, só com 21 anos.

Enquanto discutíamos a situação com o dono da Gruta, ele mesmo apontou a solução:

– Se por acaso vierem aqui do Juizado de Menores, a gente dá um jeito.

E foi assim que comecei a cantar na Gruta São Bento, de segunda a sábado. Das nove da noite à duas horas da madrugada. Algumas vezes a fiscalização aparecia por lá. Na verdade, eles nem olhavam para mim, nem reparavam que eu poderia ser menor de idade, mas o dono ficava com medo. Numa dessas vezes resolveu me esconder dentro de um *freezer* (desligado, claro!).

E a turma do Juizado de Menores perguntava para os garçons:

– Cadê o cantor? Viemos pra ouvi-lo!

Naquele dia, foram correndo me tirar do esconderijo. Mas nunca perguntaram a minha idade. Teve até um dia que meu irmão Jair voltou na Gruta para me ouvir. Só que estava sem farda e o porteiro não quis deixá-lo entrar antes de falar comigo:

– Tem um rapaz ali que diz que é seu irmão, mas ele não quer apresentar os documentos. Ele é de menor?

– Não, ele é mais velho do que eu!

Tive que ir lá na porta para salvar meu irmão. Ele ficou indignado:

– Meu irmão que é menor está aí cantando e eu nem posso entrar!

A São Paulo que comecei a conhecer em 1959 ainda cultivava a noite e os programas de rádio. A televisão ganharia força um pouco depois. Os cantores

que até então faziam sucesso vinham do rádio, como Ângela Maria, Aracy de Almeida, Carlos Galhardo, Cauby Peixoto, Ataulfo Alves, Dalva de Oliveira, Dick Farney, Elizeth Cardoso, Francisco Carlos, Isaurinha Garcia, Jorge Goulart, Francisco Alves, João Dias, Inezita Barroso, Nelson Gonçalves, Nora Ney, Orlando Silva. Alguns historiadores da música popular, aprendi depois, consideraram a década de 1950 como de *involução musical*, provocada pela moderna indústria do disco que começou a criar e a manipular uma nova audiência. Era o início do que se chamou depois de manipulação do sucesso. O mais importante, no entanto, é que, para muitos, os anos 1950 na música popular foram marcados pela decadência e internacionalização da canção.

Tanto que, no mesmo período em que cheguei a São Paulo, um novo espaço para a música surgia no Rio de Janeiro, com as boates da zona sul, que reuniam músicos, jornalistas, escritores e gente que gostava de ouvir música. Reunia-se, enfim, naquelas boates, Vogue, Au Bon Gourmet, Arpège, Sacha, todos aqueles que atuavam no meio da produção artística cultural e intelectual urbana. A bossa nova estava surgindo e com força bruta. Basta ver a lista das músicas mais tocadas do ano de 1959, que pesquisei no livro do Jairo Severiano e Zuza Homem de Mello:

Chiclete com Banana (Gordurinha e Almira Castilho)

Desafinado (Jobim e Newton Mendonça), na voz de João Gilberto

Dindi (Antonio Carlos Jobim e Aloísio de Oliveira)

Eu Sei que vou te amar (Antonio Carlos Jobim e Vinicius de Moraes)

A Felicidade (Antonio Carlos Jobim e Vinicius de Moraes)

Lobo Bobo (Carlos Lira e Ronaldo Bôscoli)

Manhã de Carnaval (Luís Bonfá e Antônio Maria)

A Noite do Meu Bem (Dolores Duran)

Recado (Luís Antônio e Djalma Ferreira)

O Samba É Bom assim (Norival Reis e Hélio Nascimento)

Em 1959, o Brasil começava a se despedir do presidente Juscelino Kubitschek, no ano seguinte haveria eleições. Jânio Quadros e o Marechal Teixeira Lott seriam os candidatos. Foi o ano do lançamento do Fusca, da inauguração da ponte aérea Rio – São Paulo e em que os paulistanos elegeram Cacareco



para vereador. Enquanto ainda comemorávamos a Copa do Mundo de 1958, outra estrela, Maria Ester Bueno, venceu o torneio simples de Wimbledon, e o filme *Orfeu Negro*, de Marcel Camus, ganhou a Palma de Ouro no Festival de Cinema de Cannes. No Rio, Roberto Carlos gravou seu primeiro disco, um compacto simples. E, para tristeza de todos, morreram Dolores e Heitor Villa-Lobos.

Eu, na verdade, ainda estava alheio aos fatos e aos movimentos. Buscava com toda a minha força um lugar entre os cantores da noite. E foi isso que fiz, desde o início.

Um Cantor da Noite

Cantei nas noites da Gruta São Bento de 1959 a 1961. O bar da Gruta era muito parecido com o do filme *Casablanca* e frequentado por mulheres mais velhas. No começo foi difícil. Meu trabalho na boate ia até as duas horas da manhã e eu era obrigado a esperar até as seis horas para pegar o trem que seguia para Osasco. E, quando chegava na casa do meu irmão, às sete ou oito horas, não podia dormir, porque tinha que abrir a alfaiataria.

Durante cinco ou seis meses levei essa vida. É claro que fiquei extenuado. E disse ao meu irmão que estava ficando difícil. E como, finalmente, eu já estava conseguindo viver do meu trabalho com a música, já poderia me mudar para o centro da cidade.

Jairo foi comigo procurar uma pensão para que eu morasse. Encontramos uma atrás da igreja de Santa Cecília. A dona era uma portuguesa. Gostou do meu jeito e disse que na pensão havia um quarto, onde já tinham duas camas e ela iria colocar mais uma. Será que eu toparia?

Sim, eu não me importei de ficar com outros dois. E ela disse ainda:

– Tem que pagar de 15 em 15 dias. Aí dei uma entrada, paguei logo os primeiros 15 dias adiantado e ela gostou.

Certo dia, já em 1962, eu tinha um grande amigo chamado Nino. Era baterista, que também tocava na noite. Jogávamos bola juntos e ele morava numa pensão, perto da Consolação, esquina com a Rego Freitas. Uma noite eu estava na Gruta São Bento e ele veio com a novidade:

– Vim te tirar daqui. O Djalma Ferreira inaugurou uma casa e ele precisa de um cantor. O Milton está fazendo sucesso no Rio e vai sair. E você, então, vai lá às duas horas para ensaiar.

Os músicos eram o Heraldo do Monte, o Luís Chaves e o Luis Mello, pianista. Fui ensaiar e o Djalma estava lá. O Luís Mello me achou fraco. Aí o Heraldo, o Luís Chaves e o Nino disseram que se eu era fraco eles também eram e não ficariam também. E o Luís Mello se justificou dizendo que tudo bem, que eu não tinha era repertório.



A boate Djalma's fez história na noite paulistana. Fundada pelo pianista, compositor e homem da noite, o carioca Djalma Ferreira, havia inaugurado sua primeira casa em São Paulo em 1960. Era um veterano na música e na noite. Muito experiente. Sua primeira composição foi gravada em 1936, por Francisco Alves. Desde os anos 1940 já atuava como pianista em casas de jogos como o Cassino da Urca, no Rio de Janeiro, e na cidade mineira de Poços de Caldas. Trabalhou, também, na boate do Hotel Quitandinha (Petrópolis, RJ). Em 1945, formou o grupo Os Milionários do Ritmo. Abriu a boate Drink em 1954 no Rio de Janeiro, onde foram praticamente lançados vários cantores, como Miltoninho, Ed Lincoln, Sílvio César e Helena de Lima.

Ocupava o coração da noite de São Paulo, na praça Roosevelt, e se instalou onde antes funcionava o Farney's, dos irmãos cantores Dick e Cyll. Um ano depois de minha estreia em sua boate, Djalma mudou-se para os Estados Unidos e, em 1968, foi viver definitivamente em Los Angeles, apresentando-se em cassinos e hotéis. Morreu em 2004, em Las Vegas.

Depois da saída de Luís Mello, para substituí-lo, contrataram o Hermeto Pascoal. E, depois do baterista Nino entrou o Rubinho que, ao lado de Luís Chaves e Amilton Godoy, formaria o famoso Zimbo Trio. Quando entraram o Hermeto e o Rubinho, logo em seguida também veio o Dave Gordon, na época em que era casado com a irmã da Dolores Duran, Izzy Gordon, de nascimento Denise Helena Rocha Gordon.

Ela começou a cantar profissionalmente como a irmã sempre quis. Gravou dividindo com Marisa um LP e um 78 rotações. Fez também programas de televisão em São Paulo e Rio de Janeiro e cantou na Boate Baccarat, no Beco das Garrafas, no Rio de Janeiro. Veio para São Paulo para inaugurar a Boate Djalma's, do Djalma Ferreira, proprietário também da Boate Drink, e ali foi apresentada ao cantor Dave Gordon da Guiana, que já conhecia Dolores e havia ficado muito impressionado, pois ela sentou-se ao piano e o acompanhou cantando a música *Hey There*. Em seguida, ela o convidou para jantar em sua casa e no dia seguinte Dave e Izzy começaram a namorar e casaram em seis meses. Tiveram dois filhos: Denise (Izzy) e David Anthony (Tony), ambos cantores.

Da boate Djalma's acabamos praticamente todos nos mudando para o Stardust, que ficava do outro lado da praça Roosevelt, na época o centro nervoso das

boates e boa música na noite paulistana. Moacyr Peixoto (irmão de Cauby e Araújo) dominava a Baiúca. Havia ainda o Bon Soir e a Vogue, onde Laura Garcia ensaiava com suas garotas o que seria a futura La Licorne, casa de mulheres e shows de travestis.

O Stardust foi fundado por Alan Gordin e Hugo Landwer, músicos, parceiros e sócios. Alan Gordin era filho de russos, nascido na China, e sua mulher, polonesa, também nascida na China. O filho de Alan, Alexander Gordin, o Lanny Gordin, nascido em Xangai, virou mito e um dos maiores guitarristas brasileiros. Hugo era romeno e conheceu Alan aqui no Brasil.

Eu já tinha sido convidado para cantar no Stardust, que era do outro lado da praça. Uma semana depois, o Hermeto, o Luís Chaves, o Rubinho, todos também receberam proposta para cantar no Stardust. O Hermeto chamou o Benitez, que era o gerente do Djalma's, e disse que todos haviam recebido convite para ganhar o dobro do que ganhavam lá.

Benitez não acreditou. Achou que era cascata, papo-furado. O Hermeto ficou bravo. E a partir daquele momento resolveu parar. Todos pararam. Ele ficou irredutível. No dia seguinte fomos todos para o Stardust. E eu cantei ali até 1967. Foi na boate Stardust que Hermeto começou a se interessar pela flauta. Para praticar o instrumento, ele se trancava no banheiro da boate ou ia para a Igreja da Consolação durante o intervalo das apresentações, chegando a dominar o instrumento em apenas um mês. Logo recebeu um convite do cantor Walter Santos para participar da gravação do seu LP *Caminho*, lançado em 1965, como flautista.

Ali nasceria também o maior sucesso de minha carreira, com uma música que me colocaria nas paradas de sucesso.



Venâncio e Corumba, a Vida Profissional

Para dar continuidade à carreira, fora o trabalho na noite, eu também cantava em programas de calouros. A Rádio Tupi ficava na Avenida São João, quase esquina com a Duque de Caxias. E ali acontecia o *Programa Cláudio de Luna*, um mineiro que foi radialista popular e advogado criminal ao mesmo tempo. Chegou a São Paulo em 1948 e, depois de começar a carreira como locutor comercial, passou a apresentador de programas e animador de auditórios. Seus colegas da época: Arruda Neto, Alfredo Nagib, Luiz Falanga, Homero Silva, Jota Silvestre. Tinha um estilo alegre, sempre gostou de rir, de contar piadas, de viver levando tudo na brincadeira.

Certo dia, eu estava na fila para me inscrever no seu programa de calouros e ele disse:

– Olha, não dá para inscrever todo mundo. Vou escolher alguns.

Parou na minha frente e perguntou:

– Você quer cantar hoje?

Eu era quase um dos últimos. Respondi que sim.

Ensaiei, cantei e ganhei o prêmio.

Desde que eu havia começado a trabalhar no Djalma's, para complementar o orçamento, cantava ainda num salão de baile, um *dancing*, onde as pessoas tinham que picar o cartão das moças para dançar. Chamava-se Azteca. Ali também se apresentava a dupla Venâncio e Corumba. Eles eram considerados os maiores repentistas do Brasil. E seriam os parceiros e amigos mais importantes de minha carreira.

Autores da inesquecível *No último pau-de-arara*, os dois nasceram em Pernambuco. Marcos Cavalcanti de Albuquerque, o Venâncio, e Manuel José do Espírito Santo, o Corumba. Eles se conheceram em 1928, ano em que surgiu a dupla. No início dos anos 1940, foram se aventurar no Rio de Janeiro. Gravaram o primeiro disco em 1950 e, nesse mesmo ano, mudaram-se para São Paulo, contratados pela Rádio Nacional (atual Rádio Globo).

Foi na capital paulista que também começaram a empresariar artistas. Eram donos da Venca Produções. Venâncio trabalhou muito para melhorar o status do nordestino por aqui e chegou a presidente da Associação de Repentistas, Poetas e Folcloristas do Brasil, na década de 1970. Jair: *Corumba era segurança de uma casa de forró, lá em Pernambuco. O apelido dele era Mané do Pato Morto. Ele contava que vivia com uma peixeirona aqui atrás e tomava conta de um forró.*

A dupla se desfez em 1968. Corumba continuou como empresário e chegou a morar na minha casa, quando já estava bem velhinho.

Depois de me ouvirem cantar no Azteca, os dois foram conversar comigo. Estávamos no caixa para receber. Venâncio chegou perto de mim:

– Jair, você não gostaria de trabalhar conosco? Temos um escritório montado na Rua Bento Freitas, esquina com a São João, e você não quer dar uma chegada lá? Estamos empresariando artistas novos, você canta muito bem, precisa ser lapidado.

E eu já estava meio aborrecido porque todo mundo que ia lá queria me dar oportunidade, mas depois eu descobria que era papo de bêbado. E eu acreditava e não acontecia nada. Peguei o cartão deles. Duas noites depois, Venâncio perguntou:

– Você perdeu nosso cartão? Não apareceu.

Joguei uma mentirinha, mas no dia seguinte fui e acabei contratado. Ficaram cuidando de mim. Isso aconteceu em 1962. Eles também empresariavam Originais do Samba, Wando, Benito de Paula, Alcione, Clara Nunes, Toni Tornado, Jararaca e Ratinho, eles próprios e Agnaldo Timóteo.

Tinham um escritório no Edifício Martinelli e eu passei a ir sempre lá. E conheci um violonista chamado Pechincha, era um “escurinho” muito legal, professor de violão. E eu cometia às vezes aqueles cacófagos, então eles me ensinaram muito, como ter cuidado com a pronúncia. Diziam que eu cantava bem,

tinha uma bela voz, mas é preciso entender o que se canta, se fazer entender. E comecei a ver que realmente eles eram empresários. Nunca tinha tido alguém para cuidar de minha carreira. Tinham verdadeira adoração por mim, porque eu os obedecia, cada coisa que aparecia para eu fazer eu dizia: fala com meus empresários, Venâncio e Corumba.

Até fui fazer várias apresentações lá em Curitiba num lugar chamado Jane II. Era um infernaço, uma boate, tudo que acontecia na noite você ficava sabendo no Jane II. Aí me levaram até lá, conversaram e fiquei em Curitiba fazendo e voltando só no final de semana para casa. Fiquei lá quase um mês. Nunca houve assim um princípio, nada de traição. Diziam: todo dinheiro que você receber, nós vamos tratar disso pra você. Arrumaram banco, na avenida Ipiranga, e abriram uma conta para mim.

Logo no início, prepararam uma estratégia. Iam fazer um show no Lions Club e me pediram para ensaiar uma música. Escolhi *Eu e o Rio*, de Luís Antônio, um grande sucesso com Miltinho e Elza Soares. No dia, estavam presentes representantes da RCA Vitor, Copacabana, Continental e Chanteclair.

O diretor da Philips falou:

– Mas quem é esse cara?

Naquela apresentação, voltei quatro vezes em cena. Quando eu cantava no Azteca, era o maior sucesso. E o Venâncio e Corumba me disseram para ensaiar com a orquestra, e cantei meio à capela e depois mudei para samba. Foi um sucesso.

E antes de eu cantar, Venâncio e Corumba pararam um pouquinho mais cedo a sua apresentação para dizer:

– Agora gostaríamos de apresentar um menino que já está contratado pela Philips.

Era mentira. Odail Lessa nunca tinha ouvido falar em Jair Rodrigues. Mas no dia seguinte, depois que cantei *Eu e o Rio*, fui à gravadora assinar o contrato.



Uma semana depois o Brasil ia sagrar-se bicampeão mundial de futebol e fui convidado pelo Alfredo Borba, diretor da Philips, para gravar a canção *Marechal da Vitória*, em homenagem ao Paulo Machado de Carvalho, e *Brasil Sensacional*. Quando a seleção ganhou, gravei meu primeiro 78 rotações, e também um trabalho de apresentação, com as músicas *Coincidência*, de Venâncio e Corumba; e *Balada do Homem com Deus*, de Venâncio e José Ramos.

Marechal da Vitória só tocou na Record, não tocou mais em lugar nenhum. Mas o Borba estava procurando um sambista, porque o Noite Ilustrada, que era seu contratado, não estava querendo gravar a música. O Alfredo Borba encontrou-se com um contrabaixista chamado Azeitona, já falecido. Ele tocava com o Moacyr Peixoto. Disse ao Azeitona que queria lançar um sambista de São Paulo.

– Borba, vai ver um menino que está na boate Djalma's.

– Como é o nome dele?

– Jair Rodrigues.

– Mas ele canta bolero. Não sei não.

Ele foi e me ouviu cantar:

Le, lê, lê a rainha do samba chegou/ lê, lê, lê, o batuque do nego enfezou.

Eu já cantava Atila Alves, as músicas do Milton. Sempre gostei muito de samba, mas devido a cantar na noite, ser *crooner*, eu queria mesmo era ser um artista eclético, cantar de tudo.

Alfredo Borba me pediu então para ir à gravadora no dia seguinte e aprender as músicas. O estúdio ficava na Rua General Osório, e eu iria gravar pela Philips, no estúdio da Verbo Disc.

E a gente teve que esperar um pouco porque o Brasil estava no Chile, era o último jogo: quando o Brasil foi campeão, entrei direto no estúdio para gravar as músicas. Se o Brasil ganhasse, gravaríamos aquelas duas músicas e,

caso contrário, outras duas. Acabei gravando outras duas. E, do outro lado, gravei um samba canção chamado *Coincidência* (Venâncio e Corumba), *Balada do Homem com Deus* (de Venâncio e José Ramos).

Janeiro de 1962.

Quando saiu o 78 comecei a trabalhar essas duas músicas na Record e em todas as outras emissoras. E o Alfredo Borba tinha planos: em 1963, me ajudou a reunir repertório para um disco de samba. Ele trouxe canções de Ataulfo Alves, Cyro Monteiro, Vinícius e Tom Jobim. Em São Paulo, fui o primeiro a gravar *Feio não é Bonito*, *O Morro não Tem Vez...*

E aí já naquela época tive um pequeno arranca-rabo com o Alfredo Borba. Disse a ele:

– Seu Alfredo, eu gostaria de cantar uma coisa diferente.

– O quê? Aqueles boleros? Aquela porcaria que você canta lá na boate? Não, não. Você é cantor pra gravar samba!

E fiz um disco só de samba. Com arranjos do maestro Portinho, já falecido. Valeu a pena. Em 1963, ganhei um troféu Roquette Pinto como sambista revelação paulista. Ganharia outros prêmios Roquette Pinto nos anos 1964, 1965 e 1966.

O Roquette Pinto nasceu em 1950, mas para premiar no início apenas profissionais de rádio. Dois anos depois, o prêmio começou a ser entregue aos destaques da televisão brasileira. A premiação teve ao todo 26 edições.

A festa de entrega do prêmio era exibida ao vivo pela TV Record e também pela TV Paulista, futura Globo. A última edição do Troféu Roquette Pinto aconteceu em 1982.

Mais ou menos nessa época, namorei a Clara Nunes. Ela tinha vindo de Minas para um festival de música na Record. Em 1960, já com o nome de Clara Nunes e ainda como tecelã, ela venceu a etapa mineira do concurso *A Voz de Ouro ABC*, com a música *Serenata do Adeus*, composta por Vinicius de Moraes e gravada anteriormente por Elizeth Cardoso. Eu estava lá, quando entrou aquela morena dei meu *plá* e colou. Fiquei muito tempo com ela, era uma pessoa interessante. Eu que a levei para o Corumba. Foi quando eu





já estava para fazer uma viagem para o Uruguai com os Originais do Samba e precisávamos de uma cantora. Corumba chamou a Clara Nunes. Ali começou sua carreira. Quando ela voltou, entrou em entendimentos com o Paulo César Pinheiro, um cara que tinha um programa de meia-noite às quatro, na Globo, lá no Rio. Aí, acabou o nosso namoro.

Quando chegou o ano de 1964, o mesmo Borba me chamou para gravar outro disco. Escolheu vários sambas, e me deu um samba do Ditador de Sucessos, que era o Déo. Cantor e compositor carioca, Déo, cujo nome verdadeiro era Ferjalla Rizkalia. Seu primeiro disco é de 1938.

Em 1947 seu grande sucesso foi *Nervos de Aço* (Lupicínio Rodrigues), que se transformou num dos maiores destaques de sua carreira. Déo morreu em 1971.

Alfredo Borba me deu oito músicas para que eu aprendesse. Depois falou:

– Enquanto você grava aí, vou buscar mais duas músicas.

Saí do estúdio, foi até a Record, pegou a gravação do Déo. E me incumbiu de descer as escadas do estúdio com o disco, para que o maestro pudesse tirar a música. Só que me atrapalhei todo, escorreguei descendo a escada e o disco caiu e quebrou. Voltei ao Borba, envergonhado, para lhe dizer que infelizmente o disco tinha se quebrado. O Borba ficou furioso. Só não me chamou de santo. E foi atrás de outro disco. Desceu ele e o maestro Portinho e não acharam.

– Escuta, não encontramos mais, era único, emprestado da discoteca da Record. Você não tem outra música? Não aprendeu outra?

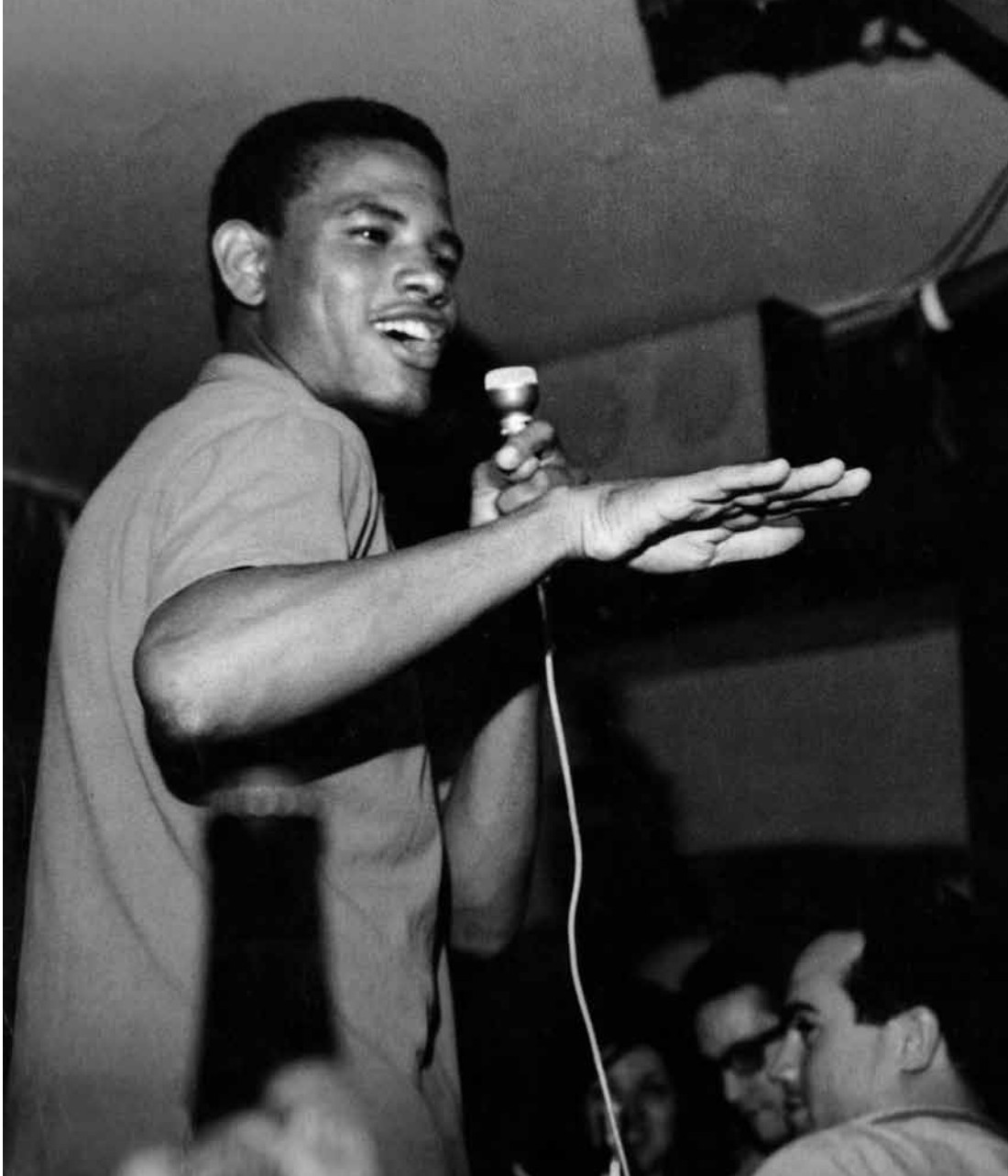
Eu disse:

– Seu Borba, aprendi uma lá na rádio Nacional no Rio, que eu fui participar da divulgação do meu disco, no programa César de Alencar.

E qual é essa maravilha? Perguntou Alfredo Borba.

Comecei com os versos, quase falados:

Deixa que digam/ que pensem/ que falem/ deixa isso pra lá/..., de autoria de Alberto Paz e Edson Menezes.



Deixa que Digam, que Pensem, que Falem...

No final de 1963 estive na Rádio Nacional, no Rio de Janeiro e lá me mostraram um samba inédito. Ensaiei e todas as vezes que cantava no Stardust fazia o maior sucesso. Disse isso ao Alfredo Borba, produtor do meu primeiro LP e cantei novamente:

– *Deixa que digam, que pensem, que falem...*

E o Borba:

– Que porcaria é essa? Estou te pedindo um samba e você vem com essa droga?

Eu disse, então, humildemente, que iria procurar outra música, mas o Borba acabou cedendo.

– Quer saber de uma coisa? Grava essa porcaria mesmo!

Chamou o maestro Portinho – que usou pandeiro, bateria, baixo, teclado e dois instrumentos de sopro. Era a última música do disco, a décima canção que foi gravada. O maestro Portinho, Antônio Porto Filho, gaúcho de Rio Grande, era clarinetista e saxofonista. Assinou vários arranjos, depois foi considerado um dos pais do choro moderno, tocou em vários regionais, em orquestras. Foi professor da Universidade Livre de Música e também regeu a Orquestra Jazz Sinfônica como maestro convidado. Ele faleceu há alguns anos.

Gravamos o *Deixa isso pra lá*, de Edson Menezes e Alberto Paz. Foi a última música do disco, a décima. Depois de tudo pronto, o Alfredo Borba organizou um encontro em São Paulo com os vendedores da Philips para mostrar o disco. Mandou fazer até um coquetel. Todo mundo lá e só bebericando. Eu não bebo muito, gosto da minha caipirinha, meu uisquezinho, meu vinho, mas tudo sem exagero.

As quatro, cinco horas da tarde fui pra lá. E todos chegando.

Borba fez um discurso:

– Vou mostrar pra vocês esse menino que já foi considerado em 1963 o maior sambista de São Paulo. Agora vou transformá-lo no maior sambista do Brasil!

O disco foi tocando, os vendedores ouvindo. Estavam alegres, mas sem sobressaltos, sem muito entusiasmo. Quando chegou a última canção e começou a tocar:

Deixa que digam, que pensem, que falem, deixa isso pra lá...

Os vendedores pararam, prestaram atenção e pediram para tocar novamente. O Borba não ficou nem na sala, tinha verdadeira ojeriza pela música. Tocaram umas seis pra oito vezes. E fizeram um banzé!

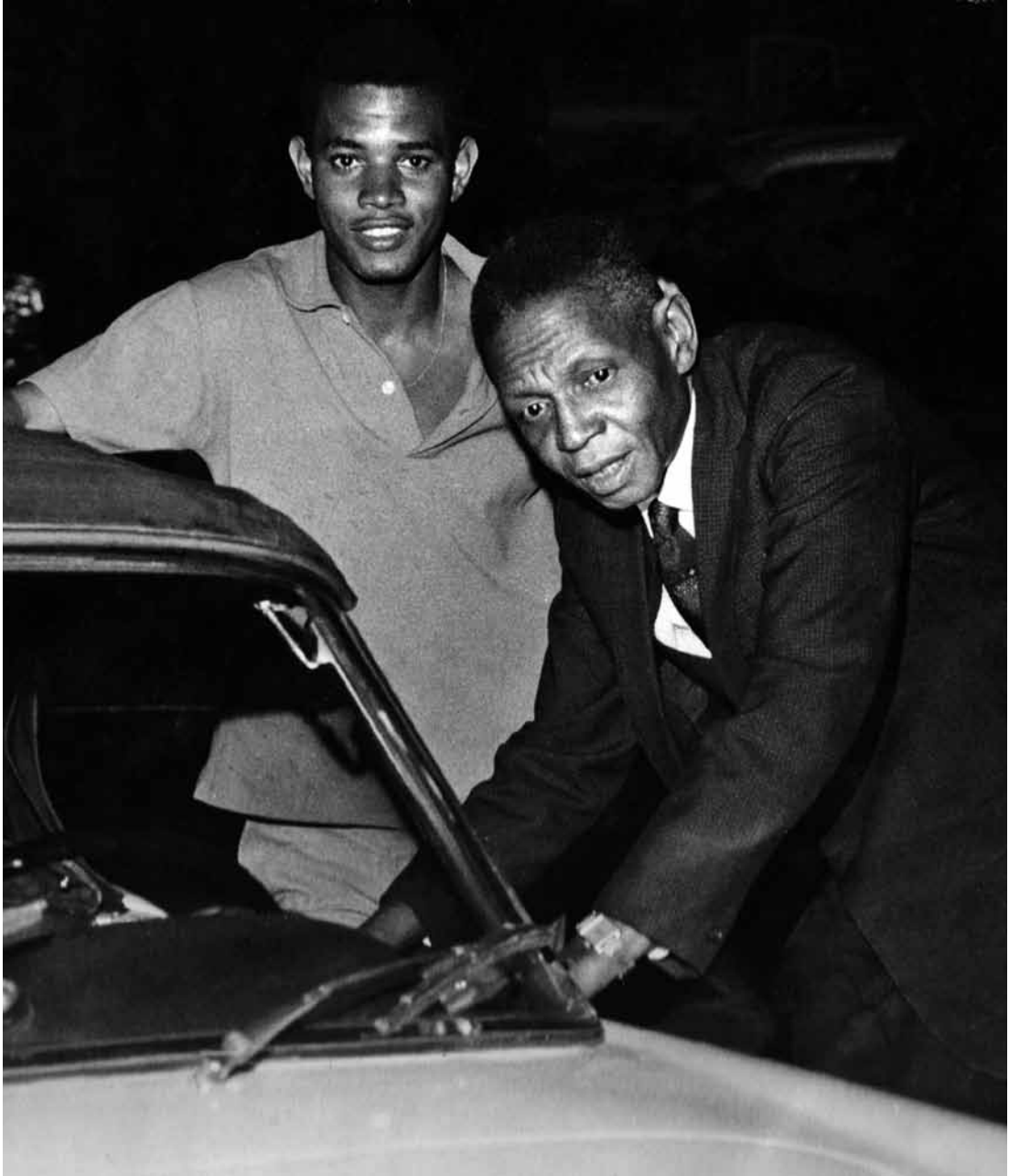
– Essa aí é que vai vender... Tem que sair essa música na segunda-feira, tem que ter o compacto com essa música.

O Borba ficou sem entender nada. Era sexta-feira, no sábado a companhia estava de folga. Foi obrigado a pagar hora-extra para os funcionários para o compacto estar na rua na segunda-feira e, na terça, eu já deveria estar no Rio de Janeiro divulgando o disco.

O Chacrinha ouviu no rádio e pediu para a sua produção me convidar para o seu programa. Ele tinha muita amizade com Venâncio e Corumba. Eles pagaram a passagem e eu fui para o Rio. Eu também cantava nos programas do Airton Rodrigues, do Flávio Cavalcanti.

Quando gravei o *Deixa isso pra lá*, a maior parte dos críticos escreveu que eu era artista de uma música só. Fui considerado como um artista de uma música só! Era preconceito contra mim – eu ficava triste. Não houve preconceito racial, o preconceito foi com a minha música.

O gesto com as mãos que ficou famoso junto com *Deixa isso pra lá* começou lá no Stardust. Quando trouxe a música do Rio, comecei a cantá-la no Stardust, com o acompanhamento do Hermeto Pascoal. Eles abriam a casa



às 16 horas e quando cheguei já havia uns quatro casais nas mesas. Meu horário de entrada era dez da noite. Quando deu oito horas, eu disse ao Hermeto que tinha umas músicas para passar. E comecei a cantar para ele:

– *Deixa que digam, que pensem, que falem, deixa isso pra lá...*

Nessa época, eu já havia ganho outro apelido, ali no Stardust: Furico. Todo mundo chamava todo mundo de Furico. E o Hermeto disse:

– Furico, mas que diabo de música é essa? Não sei acompanhar conversa, não!

Pedi a ele para esperar, porque havia a segunda parte.

– Ah, bom.... disse o Hermeto.

Ele fez o arranjo e lá pelas três da manhã um casal que estava na boate me chamou e pediu pra cantar aquela música.

– Hermeto, me dá um mi bemol.

– Como é que é mesmo a primeira parte?

– E comecei a enfiar os dedos no cabelo dele, que parecia um capacete, e enfiava a mão para cima, outra pra baixo.

E o pessoal da plateia começou a repetir o gesto. E assim começou.

Tinha um programa na Excelsior, na hora do almoço, apresentado por um cara chamado Hugo Santana. E esse homem foi ao Stardust e me convidou para ir ao seu programa *Show do Meio-Dia*. Fiz o gesto lá e pegou.

Depois disseram que foi o primeiro *rap* gravado no Brasil. O *rap* começou a aparecer no final dos anos 1980. Fizeram uma pesquisa e descobriram que eu já fazia *rap* em 1964. Não era pelo ritmo, era a forma de dizer a letra: *Eu não tô fazendo nada você também*. Só dava o homem da mãozinha, Jair Rodrigues, em todo o Brasil.

Esse foi meu primeiro LP, lançado em 1963, com a direção e produção do Alfredo Borba. Chamava-se *O Samba Como Ele É*. Tive a felicidade de regravar *O Morro não Tem Vez*, de Antônio Carlos Jobim e Vinicius de Moraes; *Feio não é Bonito*, de Carlos Lira e Gianfrancesco Guarnieri; *Tem Bobo pra Tudo*, de Manoel Brigadeiro e João Corrêa da Silva. O LP começou a ser tocado nas rádios Bandeirantes e Gazeta e na TV Paulista. Ganhei vários troféus como cantor, sambista, revelação.

Entre 1962 e 1963 continuei morando na pensão em Santa Cecília. Saí de lá quando ganhei o prêmio de cantor revelação e fui morar na Santa Ifigênia, num apartamento de uma senhora chamada Odete. Depois de algum tempo, o Juca Chaves, que era meu conhecido e morava na rua Aurora, me avisou que iria sair do apartamento. Fui lá e aluguei o apartamento. O edifício onde morava tinha um cinema embaixo. Gostei e fiquei morando lá. Levei o Corumba, nunca fazia nada sem o Corumba, e assinamos o contrato. Lembro quando os artistas começaram a se meter em política, recebi um grande conselho do Corumba:

– Jair, o seu negócio é cantar, não se meta com isso não. Não é uma boa pra você. Não tem que se indispor com ninguém, não se meta nesse tipo de coisa. Vai jogar sua bola, vai para o cinema, vai ensaiar.

E foi o que fiz. O golpe de 1964? Eu nem sabia. Estava muito distante. Aquele golpe de 64, os caras começaram a mexer com os músicos e os músicos a mexerem com a ditadura. Eu estava lutando pela minha sobrevivência, cantava na noite, nem tomei conhecimento.

Elis e Jair, O Fino da Bossa

Foi Solano Ribeiro quem iniciou os festivais da Record, ao lado de Nilton Travesso e Manoel Carlos. Na TV Excelsior, o festival de 1965, quem ganhou foi Elis Regina com a música *Arrastão*, do Edu Lobo. Eu participei daquele festival, mas a minha música era fraquinha e não obteve nem classificação. A música era do grande Capiba, compositor de frevos, um dos talentos lá de Recife, já falecido. Chamava-se *Moça na Janela*.

O festival da Excelsior aconteceu na rua Nestor Pestana, onde funcionava a TV Paulista (futura TV Globo) e hoje abriga o Teatro Cultura Artística. Ali eram gravados todos os programas de auditório, sempre lotado. Ficava no ponto nobre da noite paulistana, perto da igreja da Consolação e do Teatro Opinião, onde assisti muito ao Lennie Dale, um cara danado e já falecido. Ele era coreógrafo, dançarino, ator e cantor e seu verdadeiro nome Leonardo La Ponzina. Foi ele quem ensinou Elis Regina a mexer os braços para trás na sua apresentação de *Arrastão*, no festival da Excelsior. No Opinião também assisti a um show do Caetano Veloso, quando ele estava chegando em São Paulo.

Acredito que nos anos de 1950 e 1960 tudo o que se fazia em matéria de musical dava certo porque as pessoas certas estavam nos lugares certos.

Depois desse sucesso, em 1965, eu estava jogando bola com o time Ordem dos Músicos Futebol Clube e a gente jogava contra os feirantes, contra os médicos do Hospital das Clínicas. E chegou Reginaldo, filho do Corumba:

– Meu pai mandou te chamar pra você ir correndo ao teatro Paramount. O ensaio lá começa às três horas da tarde. E você já leva roupa e fica lá.

Quando cheguei, dei de cara com Elis Regina. Eu já a havia conhecido no Bottles, Beco das Garrafas, e eu fiquei lá, dei uma canja, e a ouvi cantar. Foi em 1964. E a segunda vez que a encontrei foi no programa *Almoço com as Estrelas*. O Airton chamou todo mundo pra entrar, a Elis saiu do camarim dela e nos encontramos no corredor. Aí ela falou:

– Puxa, você esteve no Rio, sou tua fã. Você pode me dar seu autógrafo?

– Dou, mas você tem que me dar o seu também.





Ela já havia estourado com *Arrastão* e também *Menino das Laranjas*. Sentamos um de frente para o outro no programa, que foi rolando e a gente conversando... O Airton me apresentou:

– O cachorrão Jair Rodrigues.

Meu apelido era cachorrão, porque eu chamava todo mundo de cachorrão, de cachorrão. No programa, Airton Rodrigues comentou que ia fazer uma brincadeira com dois artistas bem extrovertidos, e chamou o Cachorrão e a Pimentinha. Ele pediu que nós cantássemos uma música, um para o outro. Eu comecei a cantar *Menino das Laranjas* e ela *Deixa isso pra lá*, e fez o meu gesto.

Eu já era considerado o *garfinho de ouro* do programa. Todo sábado eu estava lá. E o Airton disse algo assim:

– Estou notando que a Elis parece o Jair de saia e o Jair a Elis de calça. Vem cá, faz uma brincadeira aí...

E eu comecei a cantar:

Menino que vai pra feira/ vender sua laranja até se acabar.

E Elis:

Deixa que digam, que pensem, que falem/ deixa isso pra lá.

Depois de Elis, encontrei Walter Silva, o Manoel Barenbeim, que ficava na mesa e o pessoal do Jongo Trio. O Walter Silva fez as apresentações e começamos o ensaio. Passei minhas músicas, pois já tinha um bom repertório. No meio do ensaio, o próprio Walter Silva me disse que tinha nos ouvido cantar no *Almoço com as Estrelas*, e falou:

– A voz de vocês combina. Vamos fazer um *pot-pourri* (o pessoal dizia: um puta porre!) de samba?

E a Elis, de repente, começou:

O Morro não tem vez, e o que ele fez.

E a gente anotava. Com a ajuda do Walter, do Jongo Trio, de todo mundo. Íamos pensando uma música que casasse com a outra, que não mudasse



de tom e deu uma base com onze sambas. Fizemos um repeteco de *O morro não tem vez* no fim.

Essa apresentação aconteceu no dia 8 de abril de 1965. Quem era para estar presente era o Baden Powell e o Simonal. Mas como eles não puderam participar em função de outros compromissos, a mulher do Walter Silva lembrou-se de mim.

Escrevemos a sequência de músicas no chão, colocamos um ramalhete de flores na frente para esconder e cantamos a sequência de músicas no final. Voltamos umas duas vezes para o mesmo *pot-pourri*. O dono do teatro pediu para que fizéssemos mais dois shows nos dias dez e onze.

Depois disso fomos contratados pela TV Record. Eu e Elis. O Zimbo Trio também e outros artistas. Para cada um deles deram um programa. Para Elis e Jair, *O Fino da Bossa*.

São Paulo era o começo de tudo e o Rio era o leque. Você se apresentava no Rio e era um passaporte, como até hoje. Mas antigamente era mais, não sei se ainda continua, acho que agora mudou tudo, agora é aqui. O centro é aqui. Você pode aparecer na Bahia, pode aparecer, enfim, no Norte, Nordeste ou em todo o Brasil, mas o centro da música, de tudo o que acontece, é aqui, São Paulo. Mas o Rio continua sendo ainda aquele leque. O Rio é uma cidade turística. Ali você sempre encontra empresários de fora, do exterior. Então o Rio é como se fosse o Maracanã para os jogadores de futebol, para os músicos. Você se apresentou, de repente já tá lá fora. Ainda continua sendo o leque. Mas as coisas todas são daqui.

E a Record começou a contratar os grandes artistas que já faziam sucesso e os artistas que estavam começando como eu, Elis, Simonal, Zimbo Trio. Eles contrataram, depois foram dividindo a produção, a direção e criando os programas. O nome do programa primeiro era o *Fino da Bossa*, depois virou só *O Fino*, porque o *Fino da Bossa* era de propriedade, acho que do Walter Silva, o Pica-Pau. Depois que o Walter retirou esse nome ficou só *O Fino*.

Não podíamos aparecer em outras emissoras, era um contrato exclusivo com a TV Record. Só quem podia eram os *freelancers*. Os contratos exclusivos eram: eu, Elis, Zimbo Trio, Caçulinha, o Quinteto do Luís Loy e mais alguns que no momento eu não me lembro e os convidados como o Tamba Trio, Luís Carlos Lyra, Agostinho dos Santos, Ataulfo Alves, Adoniran Barbosa, esses poderiam fazer todos os programas, mas nós éramos exclusivos.

Era um programa todo musical. Tinha quatro produtores, o Manoel Carlos, o Solano Ribeiro, Nilton Travesso, o Tutinha que era o Tuta, filho do dono da TV. Também fazendo alguma coisa assim por fora, o Zuza Homem de Mello. Todos feras. Estavam todos começando, cada um na sua área. O programa era gravado no teatro Record da Consolação. Uma semana antes recebíamos o *script*, com o nome dos artistas, suas histórias, era tudo muito bem feito.

Quando chamavam Dorival Caymmi, Orlando Silva, Elizete, a gente já sabia o histórico. Como você vai conversar com um Dorival Caymmi e assim por diante e não sabe nada sobre ele? Como nos dias de hoje, as pessoas vem te

entrevistar e não sabem nada, não sabem sua vida. Ali, não. Além de a gente saber, nós tínhamos obrigação, principalmente eu, que sempre fui um *crooner*, de saber tudo, mesmo se vinha um artista começando e outro consagrado.

Nós recebíamos a informação que o ensaio seria tipo oito, nove ou dez horas da manhã. O programa era gravado oito da noite, nas segundas-feiras, e ia ao ar às quartas-feiras. Quando marcava entre oito e dez horas da manhã era só para o pessoal de São Paulo, e os artistas que moravam no Rio e que estavam escalados para participarem do programa, marcavam meio-dia. Chegava lá e estava toda a orquestra, tudo montado. Cada vez que a gente recebia um *script*, eu e a Elis nos comunicávamos e sentávamos, líamos o *script*. O *script* a gente tinha na cabeça, mas a produção dizia: *Isso aí é só o esboço, então você usa sua capacidade criativa. Cria tudo em cima disso aí. Improvisa, vocês não são obrigados a obedecer tudo isso aí não, é uma base. Deixa com a gente.*

A ordem de entrada dos artistas não modificava nada. Só de algum artista que às vezes não dava para chegar, acontecia alguma coisa, porque sempre os aviões ou não podiam levantar voo ou descer, problema do tempo, aí a gente modificava. Mas todo mundo se apresentava dignamente, se o sujeito ia cantar duas ou três ou quatro músicas, cantava. Era orquestra, conjunto, regional, trio. Tinha um maestro, arranjador para tudo aquilo. Quando terminava um programa, já se começava a criar outro. *Agora, para semana que vem quais são as músicas que vocês vão cantar?* Era um *show* por semana e bem montado, supervariado.

Era uma coisa tão bacana, porque os dois juntos era a fome com a vontade de comer. E, separados, também era uma festa. O público via, o público me adorava, separado ou junto com a Elis. E a Elis também. O público adorava a Elis separada ou junto comigo.



Era uma força, uma união, uma energia do público com os artistas. Éramos todos unidos e não sabíamos, porque era uma força muito grande. Não era só Jair e Elis, e Elis e Jair, era todo mundo que participava do programa. A gente fazia até coro! De repente, tinha um artista cantando lá, a gente também ficava em *off* e cantando junto. Sabe, fazendo um *back*. Era uma coisa assim extraordinária.

E a produção teve também a ideia de fazer uma espécie de teatro com a música. Então pegamos a *Suíte dos Pescadores* do Dorival Caymmi:

Minha jangada vai sair pro mar, vou trabalhar, meu bem querer...

Aquilo não sai da minha lembrança. De repente, resolvemos fazer uma homenagem aos ícones da música popular, então pegávamos Adoniran Barbosa, Ataulfo Alves e assim por diante, pegava-se a música de maior sucesso dele e a gente fazia um teatro.

E também aconteciam outros episódios interessantes. O João Gilberto sempre foi esse sujeito maravilhoso como músico. Um camarada que sempre me tratou muito bem, sempre teve uma tremenda consideração comigo. O João tinha mania de não ensaiar e falava o que ele queria:

– Vou cantar. Eu e violão.

Então, tudo bem, só voz e violão. Estava tudo preparado, iam buscá-lo no hotel para se apresentar. Ele sempre foi muito rígido nos horários. Chegava no horário marcado. Aí, de repente não queria mais tocar e dizia:

– Eu gostaria da presença do Milton Banana.

Ele era do Milton Banana Trio, baterista que montou um trio com sucesso absoluto no Japão, nos Estados Unidos, em toda a Europa, era muito conhecido. E o Milton sempre costumava acompanhar o João, porque o Milton se especializou naquele lance de bossa nova e a batida dele era maravilhosa e o João Gilberto gostava daquilo com o violão, parece que a batida e o violão do João se casaram junto com a voz.

Mas o João não tinha pedido e a Elis, acho que ficou invocada:

– Mas o que é isso?

Mas acabou acontecendo um lance muito legal. João começou a dedilhar o violão e o público a aplaudir, pensando que ele estivesse tocando. Então, pela primeira vez na vida acho que ele fez um concerto ali só afinando o violão... Ele estava fazendo hora, porque ele havia pedido o Milton Banana. Só que o João não pediu e ele começou a fazer hora ali, dedilhando. Agora se vira meu. E o Milton Banana estava não sei onde, sei lá, estava viajando. Acho que não estava nem no Brasil. E disseram ao João:

– Agora você vai se virar, não tem Milton Banana. Se vira.

Aí ele pegou o violão, fez alô, testando o microfone, e começou a afinar. Na afinação foi aplaudidíssimo.

Apresentamos o programa durante três anos. Era uma amizade inacreditável. A gente falava muito besteiro, inclusive tinha aquelas coisas momentâneas. Se ela estivesse ensaiando, não permitia que uma abelha fizesse qualquer barulho. Era um tipo de João Gilberto de saias. Algumas vezes houve desentendimentos. Uma vez ela estava ensaiando no Teatro Record e eu entrei pela porta do público e não pela coxia. Já tinha gente assistindo ao ensaio. E muitos começaram a me aplaudir e fazer barulho. Elis parou o ensaio, olhou pra mim e disse:

– Puxa, você não tá vendo que eu estou ensaiando? Que falta de educação!

Eu cheguei bem perto dela para dizer:

– Não tenho culpa, agora não fala mais desse jeito comigo não, que te meto a mão no pé da orelha.

E saí. Alguns minutos depois ela apareceu pedindo desculpas e chorando. E eu disse que também estava esperando ela acabar de ensaiar para me desculpar. Voltamos para o ensaio numa boa. Era uma amizade, tanto dentro como fora do palco. Era com todos os que participavam. Mesmo os outros programas, *Bossaudade*, *Família Trappo*, *Golíias*, *Zeloni*, *Jô Soares*. Nós gravávamos às segundas-feiras e passava na quarta.

E o *Jovem Guarda* aos domingos. Eu também cantei na *Jovem Guarda* e poucos se lembram disso. Evaldo Gouveia e Jair Amorim me disseram que fizeram um samba em homenagem ao Erasmo, o *Tremendão*:



Um rapaz da moda vou ser/ pra ver se ela gosta de mim

Cantei a música no programa *Jovem Guarda*. O Erasmo era muito engraçado, usava anéis nos quatro dedos da mão. E eu, certa vez, lhe perguntei:

– Ô Tremendão, por que não põe um anel no dedão também?

E ele respondia:

– Não, assim já é exagero.

Aconteciam histórias engraçadas em outros programas também. Carlos Manga, que era produtor do programa *Show do Dia 7*, preparou um final apoteótico para o Agnaldo Rayol que era a *Dança dos Cisnes* e o Agnaldo entrava. Transcorreu o programa normalmente, mas o final era aquela apoteose, aquela cachoeira. E o Agnaldo Rayol vinha cantando, envolvido pelas bailarinas, todo mundo de branco. Enquanto o cenário não ficava pronto, o Manga resolveu pegar uns artistas para *encher linguiça*. E os que foram preencher o tempo: Jair Rodrigues, Elis Regina, Elza Soares, Originais do Samba, Caçulinha e Zimbo Trio.

Aí fizemos um auê, já nem sei se foi sacanagem de nossa parte.

Entrar para *encher linguiça*, para completar cenário, pera aí! Então combinamos: cada um cantou uma música, aí, de repente, quando nos avisaram:

– Oh, vão cantando aí que a gente avisa quando tiver tudo pronto.

Quando tudo ficou pronto, nós saímos pela plateia. O final apoteótico acabou conosco, os cantores que entraram para *encher linguiça*, porque saímos pela plateia afora e o público saiu junto. Aí estava todo mundo lá fora. Não sei se o Agnaldo fez o número dele ou não, só lembro que ficamos muito bravos com o Manga. A gente era contratado, mas também não era para *encher linguiça*, né.

Deixei de ser *crooner* no final dos anos 1960, quase 1967. Eu tinha todo aquele sucesso e ainda trabalhava na noite. Fui expulso, inclusive, pelo

dono da casa que eu cantava, a boate Stardust. Quando cheguei lá, me chamaram no escritório:

– Nós não queremos mais você aqui, não.

– Mas, por quê?

– Porque você está dando prejuízo aqui para nós.

O público ia, lotava a casa para ir ver o Jair Rodrigues, e quando ele não aparecia os frequentadores não pagavam porque se sentiam lesados:

– Como vou pagar a conta se vim aqui para ver o Jair Rodrigues e ele não veio?

E não pagavam a conta e eles acharam por bem me mandar embora.

– Agora nós estamos te mandando embora, mas quando você quiser dar uma canja, vem para cá.

Foi o período em que mais convivi com Elis Regina. A primeira paixão louca, tresloucada da Elis foi pelo Edu Lobo. Lembro que o Edu tinha uma namorada que se chamava Wanda Sá, com quem se casou depois. Ela era cantora. Quantas e quantas vezes cheguei a dizer:

– Elis, o cara já tem namorada.

Muitas vezes só eu sabia onde o Edu estava e a Elis dizia:

– Acha o Edu pra mim!

Eu sabia onde ele se hospedava e telefonava para avisar:

– A Elis está aí e quer falar contigo!

Mas durou pouco, de repente ela entendeu. E a Elis também era assim, aquela paixonite assim também e acabou. Prático, *tchau*, e passava para outra. Era nova também, eu também, novo. Costumávamos sair juntos depois do programa, bebíamos alguma coisa ou então se jogava conversa

fora. Mas para algum lugar a gente ia. A boate Cave, na Consolação, costumava ficar lotada de artistas. Havia o Moustache também, mas o preferido era o Cave.

Eu tinha uma admiração muito grande pela Elis, como ela também tinha uma admiração para comigo, porque conosco se juntou a fome com a vontade de comer. Sempre fui um artista dedicado e a Elis também. Quantas e quantas vezes os músicos ficavam bravíssimos com ela, porque ela pegava uma música para ensaiar e, enquanto não saísse como ela queria, durasse o tempo que durasse, uma hora, duas horas, ela não parava.

Se ela tinha quatro, cinco, dez músicas para ensaiar, passava o dia todo, às vezes até parte da noite. Ela era assim. Às vezes ela era até uma casca grossa assim mesmo, era próprio dela, mas pouquíssimas vezes, pouquíssimas ou quase nada nós tivemos arranca-rabos. Por exemplo, nós nunca tivemos um quê de tesão assim um pelo outro.

Um dia, eu me lembro, íamos para Porto Alegre, para um show juntos, quando a conversa engrenou para o assunto de namoradas. E eu tinha um caderninho onde anotava as minhas conquistas, e Elis virou-se para mim:

– Está vendo? Por isso que eu jamais vou te namorar. Você é muito galinha!

Ela falou assim, desse jeito, e ria.

Eu disse:

– Não Elis, nós somos amigos.

Ela falava o que pensava. Se você a retrucasse, chorava. Se você não a retrucasse, continuava.

Fomos amigos mesmo e eu até era seu confidente. Minha mãe adorava a Elis, a gente almoçava lá em casa e também o pessoal do Zimbo Trio, ela não saía lá da casa da mãe do Hamilton. Volta e meia eu chegava em casa e recebia o recado:

– Elis quer falar com você.

Ela morava num prédio, em cima de um cinema. Aí eu chegava lá ela dizia:



– Só você para me botar pra cima, estou p... da vida.

Ela tinha verdadeiros arranca-rabos com o pai. Era *8 ou 800*, se ela fosse com a tua cara, ótimo, se você fosse educado com ela; se alguém pisasse no rabo dela estava frito pra sempre. A Elis era capaz assim de, vamos supor, de marcar uma hora com alguém e, depois, se esquecer totalmente.

– Eu? Marquei com você? Nunca te vi!

Era assim.

– Vaza!

Quando eu estava perto, que eu via:

– Elis, está maluca? Você marcou com ela!

E quando eu levantava a voz ela começava a chorar e aí pedia mil desculpas.

Lá no Rio, quando lhe telefonei, perguntou:

– Está fazendo o quê? Estou passando aí, vamos para a praia, vamos dar um giro!

Eu percebia que o ambiente na casa dela estava péssimo. Eu nunca quis saber o que acontecia. Ela chegava perto, queria contar e eu mudava de assunto. Quando estavam aquelas piadas cheias de bobagens, ela morria de rir. Mas era assim, dizia que tinha verdadeiras brigas. Não só com o pai, mas com a mãe também. A Dona Ercy não queria a Elis cantora, queria ver a Elis professora. Mas enquanto estava ali, em Porto Alegre, tudo bem, mas quando ela deixou a cidade, o bicho pegou.

Disparada e o fim de Elis e Jair

Quando comecei a fazer sucesso, trouxe a minha mãe para São Paulo. Comprei uma casa para ela em Osasco, no Jardim de Abril. Com ela vieram meu padrasto e minha irmã Maria. Comprei uma TV branco e preto, um rádio, para ela me ver e me ouvir. E dizia sempre brincando:

– Oh mãe, não precisei dar pra ninguém, pra nenhum cantor.

E ela respondia, invariavelmente:

– Seu bobagento!

Um dia fui cantar no programa do Randal Juliano, *Astros do Disco*, e minha mãe assistiu. Quando voltei, peguei o cachê e entreguei para ela. Séria, me disse outra vez:

– Eu não criei você pra ficar bobagento na televisão.

Ela se referia ao gesto com as mãos de *Deixa que digam*. Expliquei a ela que não tinha nada de obsceno naquele gesto. E ela entendeu:

– Ah, meu filho, então desculpe.

Depois ela ia sempre assistir aos programas. Eu morava sozinho na Rua Aurora, quando minha mãe disse que queria ficar mais perto de mim. Então aluguei outro apartamento na Rua Aurora, no mesmo prédio. Eu morava no 105 e ela no 119. Ela ficava ali, não precisava trabalhar. Minha vida estava bem mais estabilizada. Quanto ao dinheiro que comecei a receber, fui muito prudente.

Já quando era *crooner*, eu fazia o seguinte: o dono de todas as boates onde eu cantava tinha um lema: aqui quem manda é o freguês, ele sempre tem razão. Então cada freguês que pedia uma música dava o cachê em forma de cerveja, mandava duas caixas de cerveja para o músico. Nós vendíamos a cerveja para o dono e repartíamos o dinheiro. Às vezes o total era duas vezes maior do que o salário. Outra coisa é que Venâncio e Corumba me ensinaram:

– Guarda o dinheiro, amanhã você vai precisar!





Se eu ganhasse dez reais, gastava dois e guardava oito. E fui considerado o maior pão-duro do meio artístico. Mas sempre fui muito de guardar. Quantas e quantas vezes eu entregava o dinheiro para o Corumba guardar!

O primeiro investimento que fiz foi numa casa. Um casarão na avenida Iraí. Paguei à vista e morei lá de 1967 a 1987. E minha mãe morou lá. E depois um grande investimento foi um sítio em Cabreúva com 32 alqueires, que agora estamos loteando. Comprei apartamentos, carros, investi legal.

Eu era contratado pela Record e tinha aquela obrigatoriedade de me apresentar em todos os programas para que fosse chamado. Fui chamado para defender uma música no festival de 1966. Quando cheguei, estava a música no envelope, a fita e a letra.

– Essa música foi classificada, então você vai ser intérprete dela.

Então, quando abri o envelope, toquei no meu gravador, era uma música do Paulinho da Viola chamada *Canção para Maria*. Aí comecei a ensaiar a música. Peguei essa música, quem fez o arranjo foi o Quinteto do Luís Loy.

Um dia o Wilton Accioli do Trio Maiará apareceu em casa. Eu morava na Rua Aurora, quase esquina com a Avenida São João, bem no centro da boca do crime. Ele foi em casa:

– Você já tem a música para se apresentar no festival?

– Já, a música de Paulinho, *Canção pra Maria*.

Aí ele falou:

– É que vim aqui porque a gente está procurando um intérprete para defender a música do Geraldo Vandré porque ele não vai poder. A música vai entrar no princípio, na primeira eliminatória. Então, o Geraldo não vai poder se apresentar porque terá que fazer um trabalho com a Rhodia. Ele teve que fazer uma turnê.

Eram umas onze e meia da manhã. Solano Ribeiro, que era produtor do festival, tinha pedido para me mostrar outra música. Eu já tinha uma música para defender, mas ele avisou que eu estava liberado para cantar duas. Minha mãe chamando a gente para almoçar. Almoçamos e mostrou a música e o telefone tocando toda hora:

Prepare o seu coação/ para as coisas que eu vou contar.

Era para o Vandré apresentar, mas acho que a censura não deixou ele defender, soube disso depois. E minha velha mãe, mais uma vez, ao ouvir a música, disse:

– Nossa meu *filho*, essa *musga* é muito boa. Se *ocê* canta essa *musga* *ocê* vai *ganhá*.

O Geraldo Vandré, quando soube que eu ia defender a música, entrou em pânico.

– O Cachorrão, não, não pode!

Eu estava ensaiando no teatro e ele apareceu. Ficava um ensaiando escondido do outro, mas a Elis ouviu e me disse:

– Esse festival é teu.

Entra o Vandré, interrompe o ensaio, me pega pelo braço e diz:

– Cachorrão, pelo amor de Deus, não vai brincar com minha música porque ela é séria.

Geraldo Vandré, quer saber de uma coisa?

– Vai-te a m..., pô. Se você não quer que eu cante a música não canto!

– Mas é que você fica brincando, planta bananeira.

– Tá certo, Vandré, eu não sei o que a sua música quer dizer...

Terminei o ensaio e depois ele se desculpou:



– Não falei pra te ofender...

Na verdade, por um lado ele tinha razão, porque a música dele, talvez essa música seja a música mais subversiva, mais de protesto de todas, até um pouquinho mais do que *Pra não dizer que eu não falei das flores*. Agora, o Geraldo se deu bem, por um lado por não ter ele próprio defendido essa música porque ia causar problema para ele. Ele defendia essa música como se tivesse guerreando, como se tivesse matando todo mundo ou todo mundo matando todo mundo.

Então ele era proibido, não era nem a música, era pessoal, Chico, Geraldo, Caetano, acho que Gilberto, o próprio Edu Lobo e muita gente tinha. A censura tinha essa *pinimba*. Aí, no princípio da apresentação, a gente já estava no meio da música, o povo já estava gritando, aquela gritaria geral:

Já ganhou!

Por isso digo que foi bom para o Geraldo Vandré não apresentar essa música, ia dar problema e foi bom para mim, e bom para música em si porque eu consegui. Nunca tive problemas com a censura, nunca.

Outra coisa, consegui fazer com que essa música mudasse o rumo, trouxe a música do lado medieval, do lado do mato, do lado do caipira, do lado do sertanejo. Foi uma das primeiras vezes que o público ouviu aquele ritmo daquele instrumento chamado queixada, que era uma coisa feita da mandí-

bula do burro e foi muito bem tocada, não só pelo Airton, que foi o inventor disso, como também pelo rapaz ritmista, percussionista, chamado Lenine. O povo tomou aquele susto, aquele impacto e o impacto das violas com três sujeitos tocando maravilhosamente e um trio fazendo vocal, o Trio Maiará.

E a surpresa do Jair Rodrigues em defender uma música daquela. O público começou a rir quando eu entrei no palco: *Oh, cachorrão!* De repente, me coloquei no palco de um jeito, fechei a cara e vivi aquele momento de interpretação da música. E o povo entendeu, quando fala *na boiada já fui boi*, o povo viu a boiada passar. Na verdade essa letra não fala de boi, foi só para disfarçar. É uma tremenda de uma música, todo mundo já sabe, principalmente, os maiores na época sabiam disso. Mas como eu dei um sentido diferente, tanto é que quando a música veio para rua já gravada comigo e com o Geraldo Vandré, eu fui fazer uma divulgação nas emissoras de rádio e tinham baixado uma portaria com os seguintes dizeres:

Proibida a execução pública em todo o país da música Disparada, por seu autor.

Todo mundo podia cantar, menos ele.

O festival tinha cinco eliminatórias. No ensaio, chegaram Nara Leão, Elis, Elizeth, Claudette Soares, Cláudia e Maria Odete e comentaram comigo depois de ouvir *Disparada*:

– Nossa, você já ganhou negão. Essa música é difícil. O festival é seu.

No dia da apresentação, fiz as mesmas brincadeiras, de pirraça. Quando me anunciaram, entrei batendo as mãos, plantei bananeira. Aí parou tudo e os músicos fizeram a introdução. Me prostrei feito um soldado guerrilheiro e sério. Um soldado como se fosse para a guerra e cantei:

Prepare o seu coração, pras coisas que eu vou contar.

O público se levantou e aplaudiu:

– Já ganhou, já ganhou.

Classificaram cinco naquela noite – e o Jair duas vezes, com o samba do Paulinho e *Disparada*.

Quando o Chico Buarque mostrou *A Banda*, ficou dividido. O público queria *Disparada* e o júri oficial dava vitória para *A Banda* por unanimidade. Só um jornalista deu vitória para *Disparada*, Franco Paulino. No dia da final, o Randal Juliano me trouxe para apresentar o terceiro lugar, o samba do Paulinho. E eu já ia indo embora, resolvi assistir ao final lá em casa. Quando eu já estava no corredor, alguém me chamou:

– Aonde você vai?

– Não, você ganhou com *Disparada* também.

Eu sabia que *A Banda* tinha vencido. Mas acabei voltando e ali fiquei sabendo que o Chico Buarque andava de um lado para o outro dizendo que ele não ia entrar não. E o Chico também achava que *Disparada* tinha que ganhar. O público queria *Disparada* e os jurados *A Banda*. Aí houve um consenso entre todos e as duas músicas dividiram o primeiro lugar.

Randal Juliano fez uma brincadeira, primeiro chamou *A Banda* e depois anunciou que *Disparada* também havia ganhado. Chamou a mãe do Chico, chamou a minha mãe, que me disse:

– Num falei meu fio?

O *Fino da Bossa*, que havia estreado em 1965, durou até 1967. Elis, eu e o Zimbo Trio fizemos uma viagem a Buenos Aires. Em 1967 estivemos em Portugal, no Cassino Estoril e depois fomos para Luanda. Depois alguém começou a querer desfazer a nossa dupla com Elis. O Ronaldo Bôscoli achava que eu era cafona. O Corumba praticamente me tirou do programa. E eu, depois de dividir a apresentação com a Elis, passei a convidado. Mas o Corumba não queria mais deixar eu ir nem de convidado.

O Corumba conversou com o Marcos Lázaro, na viagem à Argentina. Lá a Elis fez seu *show*, eu fiz o meu e encerramos juntos com o *Dois na Bossa*. Estava ficando difícil, porque os clubes não queriam contratar nem o Jair sozinho nem a Elis sozinha. É como se fosse uma dupla. E lembro que o Corumba me disse:



– Esse negócio de dupla é ruim, porque um cai e leva o outro junto.

E o programa passou a não dar mais lbope e o público só aceitava Elis e Jair.

O primeiro LP, *Dois na Bossa*, vendeu mais de 500 mil cópias. Se ela ia a algum lugar sem mim, perguntavam: *Cadê o Jair?*

Por que não trouxe a Elis?, costumavam igualmente indagar quando me viam sem a parceira. Depois do terceiro disco nós dois resolvemos desfazer a dupla. Era uma jogada muito perigosa. Na época, quando pintou *O Fino da Bossa*, juntou-se a fome dela com minha vontade de comer. Mas, depois de saciados, comer mais seria pura gulodice. A separação foi discutida e decidida em termos amigáveis. Elis sempre se portou como uma profissional correta e uma figura humana admirável. Nunca me destratou, nem como cantor nem como homem, sempre foi maravilhosa comigo.

Elis costumava dizer:

– Teu primeiro filho (Jairzinho) nasceu no mesmo dia que eu, 17 de março. Essa coincidência me fez chorar feito uma cabra.

O programa *Fino da Bossa* teve um bom princípio, agora o final meio sem graça. Durou dois anos, durou quase três, mas com a criação de novos programas, a coisa foi ficando dividida, haviam outros programas, como a *Jovem Guarda*, *Bossaudade*.

Nós já éramos obrigados a nos apresentar em todos os outros programas e os produtores trabalhavam em outros programas. Também a continuidade do festival pela Record, que começou lá na TV Excelsior, começou a dividir mais ainda.

Eu e Elis começamos a ficar com medo daquilo virar dupla. Nós não éramos dupla, então eu tinha uma necessidade muito grande de seguir a minha carreira solo, como a Elis também. Podia haver um perigo de um cair e levar o outro junto e o público vai associando. Então a gente queria que o público continuasse naquela forma de gostar do Jair individual, da Elis individual e dos dois. Começamos a perceber que havia dificuldade para marcar os *shows*, porque as pessoas não queriam o Jair sozinho e não queriam a Elis sozinha. Estava ficando difícil de contratar só a mim, contratar só a Elis, tanto é que queriam contratar os dois.

Quando o clube contratava, sempre ouvíamos:

– Ah, porque não trouxe a Elis.

E assim vice-versa:

– Ah, porque não trouxe o Jair. Ah, sem a Elis não tem graça... sem o Jair não tem graça.

Então a gente começou a ficar incomodado com tudo aquilo. Vamos então acostumar o público a não nos ver juntos na televisão. Aí, a Elis entrava para apresentar um programa e ficava um tempo sozinha e, quase para terminar o programa, eu entrava. E no outro programa acontecia isso, eu entrava, apresentava, quando o público começava a sentir, aí a Elis entrava. Noutro, nem eu nem ela, não aparecíamos, outros artistas apresentavam. O público foi sentindo isso e foi, realmente, se afastando. Tinha dia com apenas meia casa lá.

Se o programa começou com 100% de audiência, acho que terminou com 20%. O público foi se afastando, mas foi bom para a nossa carreira, super bom. O público chegava lá querendo ver aquela alegria, chegavam lá e, embora outros artistas de uma tremenda de uma categoria apresentassem o programa, já não era a mesma coisa.

Aí a gente começou a lembrar até de um *slogan*: *Quem engorda o gado são os olhos do dono*. O povo ia lá, não via! Aquele programa era nosso, não importava, podia vir Sinatra e podia vir, na época, Cauby, Agnaldo, Simonal que era uma sumidade, mas o público queria ver Jair e Elis, nós éramos os condutores do programa, os apresentadores. Foi bom.

O programa ainda teve a colaborar para o seu fim, o fator Ronaldo Bôscoli. Ele entrou e aí o negócio pipocou de vez. Ronaldo chegou para acabar com a nossa festa de uma forma meio estranha, dizendo que nós dois juntos éramos uma cafonice só. Eu não entendia o Ronaldo, ao contrário do Miele, um amigão, a gente jogava bola juntos, Miele usava aquela bombinha e era um apaziguador, ele que apaziguava. E quando a gente encontrava o Bôscoli, eu sabia de tudo aquilo, mas eu também nunca fui de falar nada. Vivia o meu mundo, não queria saber do mundo dos outros não, vivia o meu.

Quando Elis me chamava, eu imediatamente estava pronto para atendê-la no que ela precisasse. Mas depois ia viver o meu mundo, a minha vida, não ficava sujeito a coisas dela.



Minha carreira depois do *Disparada* deu uma verdadeira disparada e a da Elis também. Em 1968, por exemplo, na Bienal do Samba, eu cantei *Coisas do Mundo Minha Nega*, do Paulinho da Viola, e também *Canto Chorado*, do Billy Blanco.

Quando fui apresentar *Coisas do Mundo, Minha Nega* tive um problema. Eu havia comprado um sapato novo e não tinha o meu número, porque eu calço 42, mas comprei o 41. Na hora ficou bom, mas depois o desgraçado me apertou o pé. Quando eu entrei para cantar, Caçulinha deu a introdução, e eu parei tudo, pedi licença e arranquei o sapato do pé. Todo mundo danou-se a rir, os jurados riram.

O *Coisas do Mundo, Minha Nega* não obteve classificação. Aí, o que aconteceu? O saudoso Walter Silva, Pica-Pau, que tinha um programa *Pick-up do Pica-Pau*, resolveu me chamar de moleque, me chamou de tudo quanto é coisa e o Corumba ouviu.

O Walter disse que não havia votado na música por minha causa, porque eu havia feito uma molecagem.

– É um moleque!

Nossa, o Corumba ouviu e me ligou:

– Meu filho, vamos até lá na rádio, porque aquele Pica-Pau falou de você e eu quero fazer ele engolir essas palavras.

Eu ainda disse:

– Corumba, deixa prá lá!

– Não, vamos embora, se apronta aí.

Quando Walter Silva viu o Corumba, amarelou. O Corumba entrou no ar:

– Eu vim aqui para você retirar o que você disse, já que você falou no ar, você vai ter que retirar o que você disse sobre meu filho aqui, você falou que ele é moleque, não sei o quê, se você comentasse da música, que ele não defendeu direito, tudo bem, mas chamou de moleque, retire essa palavra senão você vai ver o que é bom pra tosse aqui e agora e, olha, não preciso nem dizer.

Corumba estava com uma peixeira na cintura, mas ele não ia dar facada em ninguém, tirou para ameaçar. Aí, aquele baita facão, um peixeirão, o Walter se retratou:

– Eu até peço desculpas.

Depois daquilo fez o programa, tocou minhas músicas, tocou *Coisas do Mundo*, *Minha Nega*, pediu desculpas. Aí eu falei que tinha comprado um sapato sem-vergonha, fora do meu número, 41, e que chegou a doer meu pé e estava me incomodando, começou a doer o calo, e não entenderam.

Em 1968 fiz um filme, *Jovens para Sempre*, do Alcino Diniz, que era marido da Rosemary. Oscarito também estava no elenco.

Em 1969, já descompromissado com a Record, comecei a ser *free-lancer*, ir a todas as TVs. Meu grande sucesso daquele ano foi *O Conde*:

Encontrei, hoje cedo no meu barracão/ minha roupa de conde no chão. E uma marcha rancho do Evaldo Gouveia e Jair Amorim: *Angústia, solidão, um triste adeus em cada mão/ lá vai meu bloco, vai/ só desse jeito é que ele sai.*

E, também: *Se Deus quiser, não vou mais chorar?* Do Wando e do Nilo Amaro, dos Cantores de Ébano. Fui eu quem lançou o Wando.

Fui o primeiro sambista a gravar samba-enredo. Gravei: *Bahia/ os meus olhos tão brilhantes/ meu coração palpitando de tanta felicidade.*

Minha vida afetiva parecia que ia se organizar. Fiquei noivo de uma chacrete: Marinês. Começamos a namorar. Ela morava no Rio e eu em São Paulo. E ficava lá namorando e a mãe dessa moça, falou:

– Escuta, vocês já namoram há tanto tempo, não querem ficar noivos?

Comprei as alianças e ela fez um jantar à luz de velas no meu apartamento para oficializar. Eu já tinha um apartamento no Rio, na Viveiros de Castro. E ela começou a beber. Eu também tomei, mas sempre fui controlado. Aí veio um irmão dela, amigos, parentes. Agora, quando será o casamento?

– Para breve, ainda eu tenho que fazer as minhas coisas, ainda não dá pra casar, estou fazendo investimentos, não quero ter uma família que amanhã vai precisar das coisas e eu não tenho para dar.



E, quando perguntaram a ela se continuaria trabalhando depois do casamento, ela falou:

– Quero comer, beber, dormir... Não vou fazer nada, viu meu amor!

Ela falou e todo mundo riu. E a minha resposta foi:

– Você vai fazer tudo isso sem mim!

Joguei as alianças para longe. E fui!

Ela mandou umas “trocentas” cartas. Foi morar na Itália. E mandou para o endereço da Rua Aurora, que eu não morava mais. Um dia passei lá e peguei as cartas. Eu gostava dela, mas eu não tinha percebido que ela era uma mulher daquele jeito. Eu não tinha nada com ela, só namorava. Um dia tô fazendo um programa na TV Rio e vi uns músicos assim que me disseram: fulano tá comendo aquela menina ali e quem tá comendo é o Jair Rodrigues. Mas ela nunca deu pra mim.

Eu era meio tipo pavio curto. Qualquer coisa eu explodia.

Quando ela viu a besteira que fez tentou consertar, mas não adiantou mais.

Arrumei outra namorada, aqui de São Paulo, e íamos sempre ao Tonton, ao Cave, e quando o Jorge Ben fez aquele sucesso *Mas que Nada*, fizemos uma grande amizade. Um dia saímos eu, ele e a Anita e fomos lá para o Tonton. E o Jorge, que me chamava de Oliveira, disse que ia dar uma banda pela noite e era melhor eu ficar lá com a Anita. Eu já tinha o meu carro e Anita também foi com o carro dela, que deixou na porta do meu apartamento. E eu disse que ia com o Jorge. Eu falei para a Anita ficar lá na Tonton que depois eu pegava ela. Estava chovendo. Eu já estava no volante dentro do carro e o cara veio com a Anita no guarda-chuvas do porteiro, para entrar dentro do carro. Quando percebi que era ela, engatei a primeira e saí correndo. O Jorge começou a rir e ali mesmo, dentro do carro, fez o princípio da canção:

– Foi quando eu comecei a gostar de você/ Você me abandonou/ agora pode chorar que eu não volto atrás/ no meu guarda-chuvas não te levo mais/ e só eu tenho um guarda chuva/ adivinhe quem vai se molhar/ quem vai se molhar é você.

E fez a música dentro do meu carro. E rimos muito. Quando voltamos para pegar a Anita ela estava furiosa. A levamos até a porta do meu apartamento e ela foi embora e nunca mais.





A Carreira Internacional e o Casamento com Clodine

O *Jornal do Brasil* de 27 de janeiro de 1971 noticiou assim a viagem que fiz com o grupo Os Originais do Samba:

JAIR RODRIGUES É SUCESSO NA EUROPA

Escreve o correspondente desta coluna na Côte d'Azur para contar que Jair Rodrigues e os Originais do Samba venceram em tôda a linha a batalha Midem (mercado do disco), que reúne todos os anos em Cannes cêrca de 4 500 profissionais do show business internacional.

A apresentação de Jair Rodrigues, em noite de visons e smoking, foi apoteótica. O ambiente formal do teatro foi transformado num baile de carnaval e todos os convidados, sem exceção, acabaram dançando la samba ao som da voz e da cuíca de Jair.

Mas foi durante o elegante jantar que se seguiu ao gala, num restaurante da Croisette, que Jair e os Originais levaram os franceses à loucura. Em dado momento, todos os clientes que lá se encontravam começaram a batucar nos copos e pratos acompanhando o ritmo dos artistas, que passaram então a sambar em cima das mesas – um delírio. A festa acabou indo até as cinco da matina.

Resultado: os diretores da Philips francesa ficaram tão bem impressionados com o cantor que decidiram organizar uma noite brasileira no Cassino de Cannes, como espetáculo de encerramento do M I D E M., na sexta-feira. E evidentemente convidaram para estrela da festa Jair Rodrigues.

E mais: Jair e os Originais voarão em seguida para Paris, onde os espera a gravação de um tape para a TV francesa, além de alguns programas em rádio. Também Bruno Coquatrix, o homem do Olympia, propôs-lhes uma temporada em sua famosa casa de espetáculos no início de fevereiro. Mas Jair não pôde aceitar porque já está comprometido com o Festival de Viña del Mar, no Chile.

De qualquer forma, o convite foi transferido para os meses de junho ou julho. Até lá, já estarão lançados na França o disco dos Originais do Samba, em preparo, e o novo LP de Jair, Alô Madrugada!

O que aconteceu foi o seguinte: quando terminamos o *show*, o público saiu junto com a gente. Foi um carnaval no meio da rua, a maioria cantando:

Oleré, olará, pega no ganzê, pega no ganzá.

Ike e Tina Turner iam se apresentar no mesmo dia.

Também nos anos de 1970 gravei sambas-enredo de grande sucesso: Em 1971 gravei o meu maior sucesso de samba-enredo:

Tengo, tengo, Santo Antonio chulé, minha gente é muito bamba no pé.

Lá vem Portela/ Com Pixinguinha em seu altar... de Evaldo Gouveia e Jair Amorim.

Mas minha vida iria mudar – e muito – em 1972. Posso dizer que, em questão de mulher eu também era safadão. Depois do noivado da chacrete fui assistir a um *show* do Benito di Paula na Catedral do Samba, na rua Santo Antônio. Eu tinha uma namorada em Brasília, Miss Brasília, terceira colocada no Miss Brasil. Naquele final de semana ela estava em São Paulo, hospedada no meu apartamento, e fomos assistir ao *show* à noite.

Quando cheguei, vi a Clodine. Ela era modelo, desfilava para o Clodovil e morava em São Paulo. É acreana, mas nasceu na divisa com a Bolívia e foi registrada em Brasília.

Tudo mudou. Me apaixonei!.

Ela estava linda, maravilhosa e num certo momento durante o *show* levantou-se para ir ao banheiro. Eu levantei atrás. O feminino era encostado no masculino. Fiquei na porta aguardando. Quando ela saiu, me coloquei na frente dela e delicadamente lhe passei um papelzinho com meu telefone. Tudo muito disfarçado para a outra que estava comigo, a ex-Miss, não visse nada. Fui para casa. No dia seguinte, de manhã, ela ligou. Perguntei:



– O que você vai fazer hoje?

– Tenho um desfile.

– A que horas você sai do desfile?

Fomos jantar e estamos jantando até hoje.

Passamos a viver juntos e só nos casamos oficialmente depois do nascimento de Jairzinho, em 17 de março de 1975. Na cerimônia, quem levou as alianças no altar foi o Jairzinho. Dois anos depois, tivemos um sofrimento muito grande com o nascimento de Juliana, que morreu com um ano e dois meses. Juliana nasceu sem o palato. Com poucos meses foi operada e Clodine tinha que alimentá-la com sonda. A menina não podia dormir de bruços. Foi um sofrimento. Morreu de falta de ar. Nós estávamos no sítio em Cabreúva e, de repente, Clodine veio do quarto chorando e gritando – minha filha está morrendo.

Mas logo um ano depois nasceu a Luciana, em 1979, e conseguimos nos recuperar. Até hoje tem lá a capelinha dedicada a ela, no nosso sítio.

O fato é que, na carreira, a década de 1970 foi dedicada a rodar o mundo. Viajei muito. A *Folha de S.Paulo* registrou, em 4 de julho de 1975, uma dessas turnês, contanto um episódio acontecido em Paris:

Alegria e raiva, bagagem que Jair trouxe de Paris.

CARLOS A. GOUVÊA

Jair Rodrigues voltou contente e ao mesmo tempo um tanto revoltado das 13 noites em que se apresentou no Olympia, em Paris. A felicidade que está envolvendo o cantor deve-se à conquista de um verdadeiro sucesso e conquista de boa parte do público francês, juntamente com Jorge Ben.

A indignação de Jair Rodrigues tem como alvo o show business brasileiro, que nada faz para promover artistas de bom gabarito, lá fora. Não o seu caso, pois Jair se diz contente com sua gravadora, a Philips, que ofereceu

todas as condições para que ele fizesse nome no exterior. Desde a confecção de cartazes nas principais ruas de Paris até a prensagem de dois álbuns do cantor, um em avant-première de seu show e outro gravado ao vivo diretamente do Olympia.

Jair não gosta da maneira como vários brasileiros residentes na Europa se apresentam no show business de lá: O nosso povo acostumou mal o estrangeiro com passistas e ritmistas. Muitos empresários e produtores europeus perguntam para a gente: - Onde estão as mulatas? Isso para mim é carnaval e como tal não interessa. O artista que for para a Europa, ou qualquer lugar, deve mostrar unicamente sua arte e não mulatas seminuas. Sempre fui contra isso.

O cantor de Disparada esteve no restaurante Via Brasil, onde está se apresentando Martinho da Vila, e se queixou: O Martinho é muito bom, mas não para ficar cantando em restaurantes. Ele é um show, mas não tem o apoio de sua gravadora (RCA); sem essa falha, poderia estar se apresentando nos mais importantes teatros e faculdades. Em seu espetáculo, eu senti falta de alguma coisa, ou seja, apoio para o intérprete.

Quando uma música faz sucesso, os produtores de TV querem apenas que a gente apresente o que está na parada, então acabamos ficando condicionados a apenas uma canção. Como financeiramente estou bem, não tenho preocupações para sobreviver, gostaria de fazer shows em teatro cobrando apenas Cr\$ 10,00 a entrada.

O LP Jair Rodrigues A l'Olympia está com boa vendagem em Paris, após sua temporada. Em uma tarde de autógrafos, na loja de artesanato de um brasileiro, foram vendidas quase todas as cópias que se encontravam disponíveis.

É que o Martinho da Vila, eu o convidei para ir ver o meu show. E ele foi. E depois fui vê-lo no restaurante Via Brasil. Achei o fim da picada, porque ele fazia muito sucesso na França.

Realmente, nunca gostei dessa história de apresentar o Brasil como a terra de mulatas. Depois voltei no mesmo festival de Midem (fiz duas vezes) e



duas vezes no Olympia. A primeira com Os Originais do Samba e a segunda com Jorge Ben (1975 ou 1976).

Quando estive na Europa com o Jorge Ben, por exemplo, a maioria esperava que apresentássemos um *show* de mulatas. Mas eu estava indo para apresentar meu trabalho como um artista. Todos perguntavam: cadê as mulatas?

Eu sou cantor, pelo amor de Deus. Eu fazia a primeira parte e ele segunda. O Jorge era meu amigo, mas não sei quem lançou uma fofoca total dizendo que tinham dois brasileiros no Olympia e deveríamos fazer o *show* os dois juntos.

Eles queriam fazer uma espécie de *Dois na Bossa*. Eu soube que o Jorge tinha falado: o sucesso aqui sou eu! Mas ele não disse isso. Foi uma fofoca. Entrei antes para fazer meu *show* e quando cheguei ao meu camarim tinha só uma pia, um espelho, duas cadeiras, uma mesinha e nada mais. Parecia um banheiro. Puxa, que camarim mais sem graça. O Jorge me chamou para ver o camarim dele, que era todo acarpetado, camarim de príncipe, bebidas e tudo o mais. Tudo bem. Sabe quantas vezes eu voltei? Oito vezes... Abriram uma bandeira do Brasil enorme no meio da plateia.

Notei que o Jorge sentiu... No final entrou todo mundo, eu a Clodine, a Domingas, todo mundo...

A consequência dessas inúmeras viagens foi que, no Brasil, começaram a dizer que eu estava sumido, que eu sumi da mídia e ninguém sabia nada. A Philips não divulgava minhas conquistas no exterior. Em 1984, por exemplo, passei seis meses na Itália trabalhando. Estive no Japão. Nos Estados Unidos, me apresentei em Boston, em Miami, Nova Iorque, Los Angeles. Um baterista meu foi para os Estados Unidos e na hora de ir embora, fugiu. Ficou trabalhando lá e deu um jeito de ficar.

A Saída da Philips e o Balão Mágico para Jairzinho

Em 1982 perdemos Elis, tragicamente. Restou a saudade da amiga querida e seu enorme e descomunal talento. Entre setembro de 1984 e março de 1985, passei seis meses na Itália. Viajei com uma companhia de 50 artistas, bailarinos, sambistas, músicos, capoeiristas e mulatas, todos contratados pelo empresário italiano Franco Fontana, um apaixonado pelo Brasil que já havia levado Jorge Ben, Elis e Os Originais do Samba. Mas naquele ano o carro-chefe das apresentações seria eu, que já tinha certa projeção na Itália, por ter representado o Brasil no festival de San Remo. Fui aplaudido de pé depois de cantar *Disparada*.

Antes de viajar, eu havia gravado um novo LP, na Polygram, produzido por Rildo Hora, com músicas de Rildo, Humberto Teixeira, Zé Keti, Nelson Cavaquinho, Ataulfo Alves e Hermínio Bello de Carvalho.

E o Jairzinho, meu filho, estava no meu colo quando fui gravar uma música sacra, *Deus Salvador*:

Creio em Deus nosso senhor/ eu encontrei a paz/não sou mais pecador.

O disco deveria ficar pronto para eu poder viajar. Quando estava gravando, esqueci a letra e não tinha a letra ali. E o Jairzinho estava ouvindo e cantou o pedaço que eu tinha pulado. Pedi que pusessem o microfone para ele cantar aquela parte:

Hoje eu vejo claro a luz do dia/ porque eu tenho sempre Deus em minha companhia.

No final, ele cantou quase a música toda. Afinadíssimo. Depois da gravação chamei o pessoal da diretoria, o (Roberto) Menescal, o Armando Pititigliani, e disse:

– Acabou de nascer um artistinha pra vocês e ele poderia já assinar um contrato.



Mas eles argumentaram que não tinham ainda um departamento infantil na gravadora e deixaram para lá.

Fui para a Itália com o Jairzinho e conheci o maestro italiano que me acompanharia no Festival de San Remo. Eu dei a ele o disco e mostrei aquela música que o Jairzinho cantou comigo. O maestro disse:

– Mas quem é esse menino?

Ele então pediu a dois compositores da Itália para fazer uma música e ele fazer o arranjo para apresentarmos no festival, *Io e Te*, cujo verso *voglio fare uno gol a la Pelé* eletriza a plateia italiana. Gravamos um compacto simples. E foi um baita de um sucesso. Quase que perco o Jairzinho lá. As pessoas pegavam ele no colo e sumiam com ele.

– Ma che bambino!



Aconteceram muitas histórias por lá, encontrei e foram me ver os jogadores de futebol brasileiros: Júnior, Zico, Falcão, Toninho Cerezo. Vários artistas da bola que jogavam na Itália. Sócrates também apareceu para ver meu *show*. E os italianos são danados, eles viam as mulatas dançando e ficavam doidos atrás delas. Então vinham me pedir que apresentasse as mulatas para eles. Eu chegava na mulata e dava a informação:

– Fulano está a fim!

Eles insistiam para que eu os apresentasse. Enfim, eu concordei em chamar. E eu tinha amizade com uma mulata bonita, mas elas eram o seguinte, quando elas se arrumavam para entrar em cena era aquela pintura, mas depois, quando elas ficavam sem maquiagem, com aquele cabelo carapinha, sem arrumar, pixaim, era outra coisa.

Lembro que um italiano falou que queria conhecer a mulata e eu a chamei depois do espetáculo. Aí ela foi se trocar e ficamos lá, ele ficou lá comigo e tal, quando veio a tal mulata eu disse: é ela aqui.

Ele olhou:

– Não Jair, não é aquela mulata!

Mas eu ri tanto, porque ela estava sem maquiagem, sem nada. Ele se mandou, fugiu.

Um pouco antes dessa viagem à Itália, precisei resolver minha questão com meu empresário Corumba. Ele poderia ter sido desonesto, sacana comigo, já que possuía uma procuração assinada por mim com plenos poderes desde 1960. Ele podia cuidar de tudo, tudo, tudo. Mas ele nunca me decepcionou em nada, nada. Foi quando Corumba me disse:

– Meu filho, eu já não estou aguentando mais, eu vou deixar de estar aqui, só venho aqui para ver as contas, eu gostaria de passar essa procuração. Não foi a primeira, as outras já foram por tempo determinado, não foi mais por tempo indeterminado. E ele disse: essa procuração aqui eu vou passar para o meu filho Reginaldo. Eu disse:

– Mas o nome continua sendo do senhor.

Tudo bem. Na Itália, recebemos um telefonema do irmão da Clodine, nos contando que o Reginaldo tinha ido ao cartório com a minha procuração e ele estava achando a situação meio esquisita. Eu estava em Bolonha e tive que voltar a Roma para, da embaixada, cancelar a procuração do Corumba, dada a seu filho Reginaldo.

Quando voltei disse ao Corumba: *infelizmente eu tive que tirar essa procuração, porque a gente ficou desconfiado*. E essa desconfiança depois se relevou. Aí, a partir dali, a Clodine começou a tomar conta de toda a minha carreira, de nossos investimentos, de tudo.

Tempos depois eu soube que o Corumba não estava muito bem. Logo depois da morte da mulher, dona Margarete, ele havia ido morar com a filha, Leila. Certo dia, passei pelo largo Paissandu e me disseram: *acho que o Corumba não está batendo bem, porque ele veio aqui, de repente começou a dar voltas aí, acho que ele não está batendo bem*. Eu falei: *então vamos ver o que tem o Corumba*. Aí eu fui lá na casa da filha dele. Ele estava de cama. Fazia tempo que eu não o via. Estava de cama, barbudo. Ele disse: *estou aqui, morando aqui com a filha*.

Eu falei para a Leila:

– Leila, eu vou ajeitar um cantinho lá e vou levar o Corumba pra morar comigo.

Ela disse:

– Não, Jair, não faça isso, o meu filho gosta muito dele, é o companheiro dele aqui, do meu filho. Então tudo bem.

Certo dia recebo uma notícia que me deixou em choque. Leila, filha de Corumba, havia se suicidado. Eles moravam num prédio de 14 andares e ela pulou, acho que do 11º ou 9º andar. Se meteu com drogas e se suicidou na frente do filho. Disse que o filho falou:

– Vovô, a mãe pulou daí.

Quando o Corumba viu, o corpo da filha se esborrachou lá embaixo. Aí eu fui, pagamos o enterro, compramos o caixão, paguei tudo. Ele estava num miserê e eu não estava sabendo. Corumba, chorando, disse:

– Meu filho, você não tem um lugarzinho lá pra eu morar com você, porque eu morava com a minha filha e agora não tenho onde morar.





Corumba veio morar comigo. Nós não sabíamos, ele já tinha sofrido dois derrames, mas ele ficou com sequelas. Um dia ele me aparece aqui, ali na cozinha, a minha empregada chamava-se Vilma, e ele pegou a camisa, fez da camisa calça e ele só botou a camisa e veio sem calça, com os balangandãs tudo de fora, pensando que ele estava vestido.

Ele pegou a camisa e pôs como se fosse um saiotão.

– Corumba, vai vestir, pelo amor de Deus Corumba!

Não, mas eu estou vestido!

Ele estava sem cueca, sem nada, com a camisa aqui. Aí a gente percebeu que ele não estava batendo bem. Foi quando teve o terceiro derrame. Isso foi em 2003, uma coisa assim. Aí, o que nós fizemos? Aí ele não teve mais condições, aí tinha que ter médico 24 horas do dia. Ele teve também mal de Alzheimer, não lembrava de nada, nadica de nada. Aí a gente botou ele numa clínica, no quilômetro 30, aqui em Cotia, aqui pertinho. A gente ia sempre lá. Certo dia, amanheceu morto. Eu senti tanto, porque ele veio para cá e já tinha tido dois derrames, mas a gente não sabia. Ele teve o outro e aí degringolou-se de vez.

Só posso dizer que nunca sumiu nenhum centavo meu sob a administração do Corumba. Lembro uma vez que a gente foi fazer um *show* em Punta Del Leste, naqueles cassinos. Aquele pessoal era meio racista, viu chegar aquela negrada lá, Jair Rodrigues, Originais do Samba, aquele monte de gente, Pechincha. E eles não queriam que ficássemos hospedados no hotel do cassino, como não ficamos. O único que foi convidado a ficar fui eu. Mas eu sempre tive – e tenho – o costume: quando saio com os músicos, se eles ficarem numa pousada eu fico também, porque não existe ninguém melhor do que ninguém.

Quando o Corumba soube que eles não queriam deixar que todos se hospedassem no hotel, tivemos que alugar uma casa nas imediações para que os músicos ficassem, o Corumba se arreitou:

– Compro essa porcaria aqui. Quanto custa esse cassino aqui? Quanto custa esse hotel aqui? Eu compro isso aqui e mando todo mundo embora!

Ele metia bronca.

Na época, quando eu era solteiro, eu digo com toda sinceridade, eu era o artista que mais trabalhava, que mais fazia *show* e que mais tinha o dinheiro empregado. Ou era em terrenos, ou era em apartamentos, era em casas e também o Corumba dava um jeito de empregar o meu dinheiro. Uma vez eu me lembro que ele chegou pra mim e disse:

– Meu filho, agora nós vamos comprar para você um sítio. Você precisa ter um sítio.

Em 1969. Aí comprou um sítio de 32 alqueires, lá em Cabreúva, aquele que a gente já vai começar a vender os lotes agora. E aí eu fui lá ver, a gente foi assinar o contrato e aí ele falou assim:

– Sabe o que eu vou fazer, um dia? Vamos convidar o Frank Sinatra, ele vai ficar aqui no seu sítio.

Olha a pretensão dele. Ele tinha isso, ele gostava. Eu depositava tanta confiança nele e ele ficava tão feliz. Eu não fazia nada que ele não soubesse.

Muitas vezes eu ficava sem dinheiro no bolso e chega no Corumba:

– Velho, você não pode me deixar tão duro, porque já estou tendo um apelido aí de mão de vaca, que não abre a mão nem pra jogar peteca.

Até hoje a Hebe Camargo fala que o maior pão-duro, no meio artístico, é o Jair Rodrigues. Ela nem sabe. Ela sabe dessa história assim por cima, mas é que sempre o Corumba, até hoje, porque quem cuida do meu financeiro, da carreira até que eu vendo *show*, é a Clodine, e ela é assim também com a Luciana e é assim também com o Jairzinho.

A Clodine não tem procuração de plenos poderes, nós somos casados, é minha mulher. Ela nunca pediu isso, nunca. Sempre ela agradece: *obrigado por você ter essa confiança. Não é mole. Hoje em dia não é mole você depositar confiança.*

Quando voltamos ao Brasil, depois da excursão da Itália, o pessoal de outra gravadora, CBS, estava fazendo um concurso para um garoto entrar na *Turma do Balão Mágico*. E foi exibida no *Fantástico* minha apresentação com o Jairzinho. No dia seguinte, o pessoal da CBS me procurou para saber se Jairzinho não tinha ainda contrato com alguma gravadora: *E vocês podem vir conversar com a gente?*



E o Jairzinho assinou o contrato. Aí em seguida a Polygram veio com uma proposta, mas já era tarde. E me dispensaram também e por telefone. Foi em 1985, assim que cheguei da viagem a Itália. Disseram que, infelizmente, a companhia encontrava-se no vermelho. Não renovaram meu contrato. Eu estava lá desde 1962.

Uma semana depois ligou o pessoal da Copacabana, o Adiel, que já sabia que eu não estava mais na Philips. Faz tempo que estou te querendo. Aceitei o convite. Assinamos, eles me deram algumas músicas para eu ouvir e quando fui aprovar o repertório vi dois meninos, Chitãozinho e Xororó, que vieram falar comigo:

– Que bom o senhor fazer parte do nosso *cast*.

E tinha uma menina do lado deles. E fui pra sala do irmão do Adiel pra fechar o repertório. O Adiel trouxe um disco do Paulo Sérgio com a música *Tristeza do Jeca* (nesses versos tão singelos...)

Quando já estávamos tirando a letra, entrou a dupla Chitãozinho e Xororó para nos mostrar uma música da moça que estava com eles, Roberta, que estava ali com a letra de *Majestade, o Sabiá*. Roberta Miranda. E eu gravei essa canção. Foi um estouro e já é um clássico.

Depois da tristeza da saída da Philips, a alegria do sucesso do disco na Copacabana e de Jairzinho. A *Turma do Balão Mágico*, Jairzinho, Simony, Michel e Tob. A Clodine acompanhava eles. Mas que felicidade foi aquilo.

O grupo lançou cinco discos, vendeu mais de 10 milhões de cópias e tornou-se uma das maiores bandas infantis da história. Seus maiores sucessos foram *Amigos do Peito*, *Superfantástico* e *Ursinho Pimpão*.

Gravei quatro LPs na Copacabana. Depois a Movieplay me chamou para gravar. Acho que dois discos. Em compensação, estava na ativa fora do Brasil me apresentando. E a mídia não divulgava nada.

Minha mãe Conceição morreu em 24 de fevereiro de 1987. Minha mãe tinha dois cânceres e era diabética e não sabia. Morava em Cabreúva, no sítio.





Dois filhos artistas e o renascimento

Tive a sorte na vida de ter dois filhos artistas. Jairzinho é compositor, arranjador, intérprete, músico, ator e produtor de discos. Ele começou a carreira aos seis anos de idade. Seu primeiro trabalho foi cantar *Deus Salvador* no álbum *Jair Rodrigues de Oliveira* e, em 1982, participou do Festival de San Remo, na Itália, com a música *Io e Te* – que rendeu um emocionante videoclipe. Logo depois foi convidado para integrar o *Balão Mágico* – uma das mais conhecidas bandas infantis da época. Com o grupo gravou três discos e apresentou o programa matinal, homônimo, exibido pela Rede Globo até 1987.

Ainda na década de 1980 ele voltou à Itália e gravou *La Casa Dei Giocattoli* – versão italiana para o clássico nacional *A Casa de Brinquedos*. Com o fim do *Balão Mágico* Jair participou de alguns projetos infantojuvenis e gravou um disco, em dupla, com a antiga parceira de *Balão*, Simony.

Aos 17 anos, ele entrou no curso de Jornalismo na Universidade de São Paulo (USP), mas a paixão pela música falou mais alto e ele foi para os Estados Unidos aperfeiçoar seus conhecimentos na faculdade Berklee College of Music, de Boston, onde estudou durante cinco anos, e voltou ao Brasil formado, em 1998, no curso duplo de Produção Musical e Music Business. Naquele mesmo ano, com os amigos João Baptista, Dimi Kireeff e Wilson Simoninha montou a *S de Samba* – produtora. Em 11 anos, eles produziram trilhas para campanhas de grandes empresas, filmes, programas de TV e discos.

Eles também gostavam de jogar futebol aqui em casa aos sábados. E criaram o *Projeto Artistas Reunidos*, com Jairzinho, Pedro Mariano, Wilson Simoninha, Luciana Mello, Max de Castro e Daniel Carlomagno. Essa turma apresentou-se durante dois anos em casas noturnas de São Paulo. O projeto rendeu apresentações em festivais internacionais de música e um disco, lançado pela gravadora Trama – que também surgiu naquela época e entrou no mercado fonográfico com o objetivo de apresentar ao público artistas que não tinham espaço nas multinacionais.

Desde que voltou ao Brasil Jair compôs e, ou, produziu diversos trabalhos para grandes e novos nomes da música brasileira como Ed Motta, Ney Matogrosso, Tom Zé, MPB-4, Jair Rodrigues, Vicente Barreto, Luciana Mello, Wilson Simoninha, Pedro Mariano, Patrícia Coelho, Vanessa Jackson, Sônia Rosa, Uri Caine. Em 1999, lançou seu primeiro disco solo, *Dis'ritmia*. Em 2002 lançou o CD *Outro*, que traz canções como *Bom Dia*, *Anjo* e *Falso Amor*. Nesse mesmo ano Jair participou do projeto *The New Samba Revue*, com Patrícia Marx, Wilson Simoninha, Mad Zoo e Max de Castro. Eles saíram em turnê pela Europa, fizeram 22 *shows* em Portugal, França, Alemanha, Holanda, Áustria, Itália, Suíça e Inglaterra.

No começo de 2008 Jairzinho lançou o primeiro DVD *Simples ao Vivo*. Gravado no palco do Citibank Hall, em São Paulo. Jair, pai de primeira viagem, compôs todas as canções do CD durante suas funções paternas, boa parte das composições foram feitas de modo espontâneo, na tentativa de confortar Isabela, sua filha. Este projeto foi indicado ao Grammy Latino 2009 na categoria Melhor Álbum Infantil. Ainda em 2009 Jair fez duas turnês internacionais, uma pelos Estados Unidos e outra pela Europa. Ele é danado, muito bom.

Luciana, que nasceu em 22 de janeiro de 1979, também começou a carreira aos seis anos, quando o Rildo Hora, que ia produzir o meu disco, foi lá para casa e me mostrou uma música:

O filho do seu menino ficou rapaz/

E a Luciana estava na sala e aprendeu a canção mais rápido do que eu. E cantou tranquilamente no meu tom. E o Rildo Hora disse:

– Puxa, que menina danada, acho que você tem outra cantora dentro de casa, que voz diferente, tem voz própria. Quando eu fizer esse arranjo posso gravar com ela?

E ela gravou comigo a canção *O Filho do Seu Menino*, composta pelo gaitista e produtor Hildo Hora. O nome completo dela é Luciana Rodrigues Mello de Oliveira, Mello é da mãe. Nós gravamos um CD independente com ela, ainda com o nome Luciana Rodrigues. Mas aí comecei a notar que as pessoas faziam comparações e ela fez numerologia. Mas hoje muita gente sabe que Luciana Mello é minha filha, embora muitos não saibam. O Jairzinho hoje assina Jair Oliveira, mas ele nunca vai deixar de ser o Jairzinho.



Luciana começou a ter aulas de canto, teoria musical, mas tudo aqui no Brasil, entrou num colégio americano e também fez um teste para ver se era aceita em Boston e quem deu o aval para ela foi João Gilberto. Como era necessária uma carta de apresentação, comecei a pensar em quem poderia assiná-la. Fui convidado para um *show* do João no antigo Palace e resolvi ir. Sempre dizem que ele reclama de tudo, mas naquela noite ele esteve ótimo, não disse nada. Não reclamou do som.

Quando terminou o *show* eu ia saindo e recebi um recado através de um segurança: João queria falar comigo. Quando entrei, ele estava dando uma entrevista. Eu disse:

– Grande, João! Fui! Tchau.

Ele pediu licença para o jornalista, me abraçou e me perguntou:

– Como é que chama aquela sua filha? Luciana, né? Cuida bem daquela menina que ela vai ser a maior cantora do mundo. Quando você for ao Rio..., e me deu o telefone.

Liguei para ele no Rio e ela estava interessada em estudar em Berklee. A Clodine pediu ao João uma apresentação para a Luciana. Ele apenas perguntou:

– Você quer em inglês ou português?

Redigi a carta em inglês e pediu para ir buscar. Nos entregou a carta em mãos. Comentou sobre mim, sobre Jairzinho, sobre a Luciana e me disse:

– Você não sabe quanto eu te adoro!

Que beleza saber que a gente é querido. E até o pessoal da imprensa depois se retratou. Sempre confiei no meu taco, mas depois fui vendo que as pessoas também de fora falavam mal de algumas músicas que eu tinha gravado, mas da minha pessoa jamais.

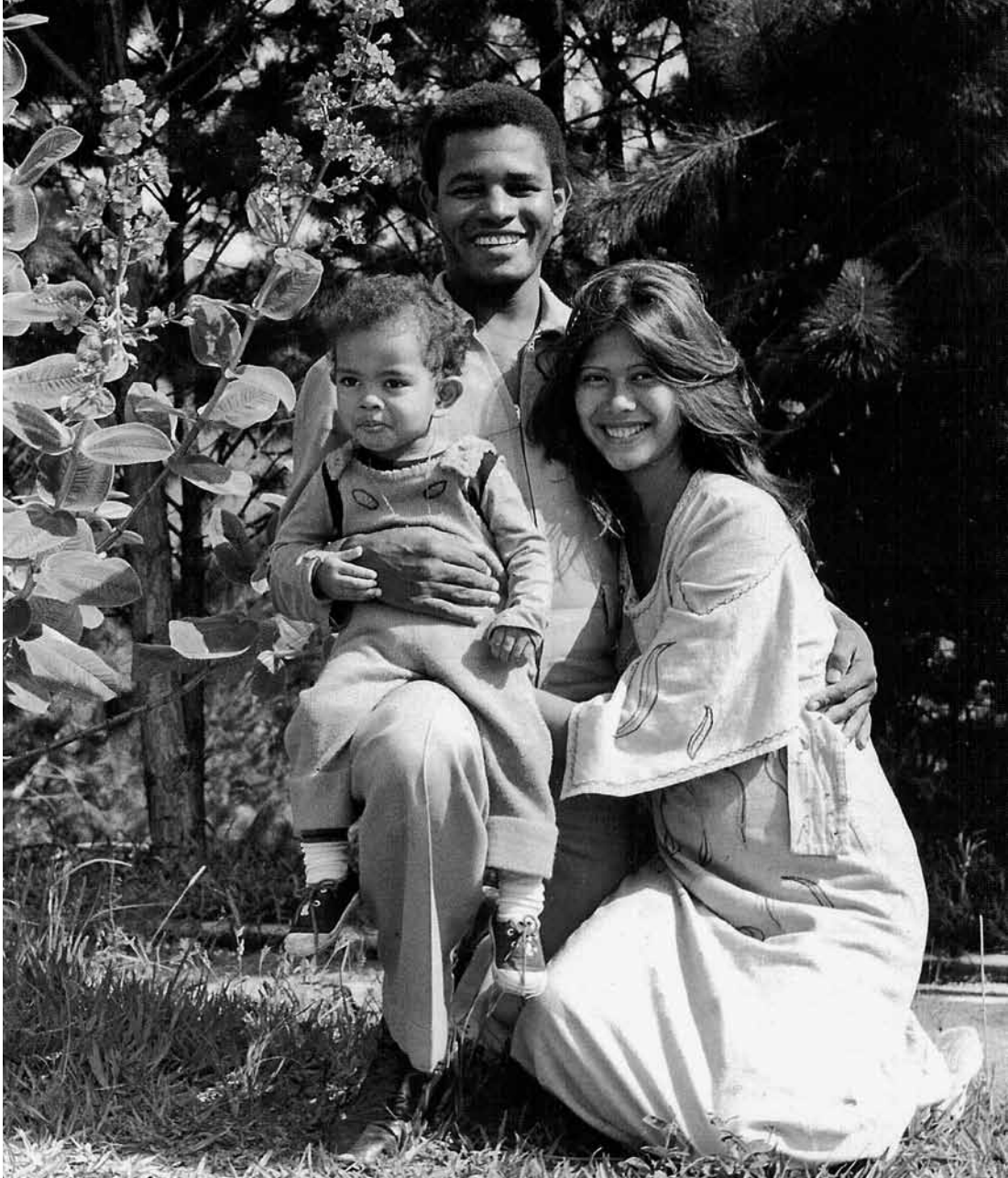
Depois que a Luciana pegou a carta, ela começou a fazer sucesso e acabou não indo para Berklee. Em 1989, quando já tinha 10 anos, fez outro dueto comigo, cantando no disco um *pout-pourri* de *Dois na Bossa*, que eu havia gravado com a Elis. Em 1991, montou uma banda com o irmão, Jairzinho, com outras duas meninas, Cíntia Raquel e Vânia Estela, como o nome de *Jairzinho e a Patrulha do Barulho*.

Quando a Lu completou 16 anos, em 1995, gravou seu primeiro disco solo, *Luciana Rodrigues*, produzido por Iranfe Maciel e com participação de Emílio Santiago. Em 2000, Luciana gravou seu segundo trabalho, o álbum *Assim Que Se Faz*, com a produção assinada por seu irmão e com os sucessos *Assim Que Se Faz* e *Simple Desejo*. Em 2002, assinou contrato com a Universal Music e lançou o CD *Olha pra Mim*, também produzido pelo irmão. Esse disco traz, pela primeira vez, canções compostas por Luciana, sendo uma em parceria com o Jairzinho. Ficou três anos sem gravar e, em 2007,

lançou o quinto disco solo, *Nega*, gravado de forma independente pelo selo *S de Samba*, mais uma vez com a produção do irmão.

Em 1999, quando Jairzinho trabalhava na Trama, fui convidado para fazer um disco pela gravadora. Gravamos ao vivo o cd *500 anos de Folia*. Jairzinho produziu, com o Bernardo Vilhena. O volume 2 do mesmo disco foi indicado para o Grammy latino de 2001.

Também no carnaval de 1999, subi num trio-elétrico pela primeira vez, convidado pela Margarete Menezes. Ficamos no camarote do Gil, da Daniela Mercury. A Ivete Sangalo convidava muito a Luciana e íamos juntos. E vou todos os anos à Bahia. Todo dia 2 de dezembro, Dia Nacional do Samba, promovido pelo compositor Edil Pacheco e a prefeitura. E aí vou, canto.



Uma Casa no Campo

Desde 1990, escolhi um lugar para viver que é um paraíso. Fica em Cotia, município ao lado de São Paulo, e agradeço a Deus sempre por esse privilégio. Eu morava no Morumbi, na Rua Albert Einstein, numa casa que é da irmã da mulher do Jorge Ben. Tinha uma corretora que ia em casa sempre, mas só recebia não como resposta a tudo que nos apresentava. Em dezembro de 1989, minha mulher estava no Rio, mas pediu para que eu fosse ver uma casa. Disse a corretora:

– Eu já disse que não umas dez vezes, mas a dona disse que só vende pra você.

No dia seguinte fui ver a casa. Eu já estava irritado porque a Raposo Tavares era considerada a rodovia mais assassina do Brasil. Tinha atropelamentos, batidas. Houve uma época em que eu ia sempre a Cotia, ao Embu e tinha que passar por essa rodovia horrível.

Jairzinho, que estava comigo, comentou:

– É longe, hein!

A corretora me informou que já havia sido aprovado o projeto para reforma da rodovia. Quando passei pelo portão de entrada, senti um bem-estar tão grande! E, ao conhecer a dona da casa e entrar nela, era como se eu já tivesse morado ali.

Meu Deus do céu, pensei, até parece que na outra encarnação eu morava aqui. E comecei a me sentir muito bem. E o Jairzinho:

– Compra aqui, pai. Aqui é muito bonito.

Fui pra casa, liguei para a Clodine e contei sobre o lugar, estava encantado. Disse:

– Vamos comprar, Clodine.

– Com que dinheiro? Está tudo empregado. Mas amanhã vou lá com você.

Quando Clodine voltou do Rio, eu a levei para ver a casa e ela também adorou. E a dona da casa também gostou da gente. Dizia:

– Se vocês não comprarem, abandono isso aqui, porque morreu meu marido e não vou ficar mais aqui.

Ela queria 350 mil dólares e 15 mil de entrada. A gente não tinha.

– Quanto vocês têm?

– 1.500 dólares!

Pois bem, a mulher aceitou.

– Paguem o resto como puderem.

Fechamos o negócio. Tínhamos dinheiro na poupança e quando foi na quinta-feira a Clodine tirou o dinheiro para comprar mais dólares. Na segunda-feira veio o Plano Collor. Demos sorte.

Fui fazer um *show* no lugar do Fábio Jr., para o governo de Rondônia. Eram três shows. O candidato a governador nunca tinha visto um show meu e eu vesti a camisa do homem e, no primeiro *show*, disse que gostaria que eu fizesse uma temporada de mais 20 *shows*. Juntamos o dinheiro e pagamos a casa.

Uns japoneses, que montaram um templo budista ao lado, queriam negociar o sítio por 400 mil dólares. Dona Marina disse que era uma mulher de palavra.

Eu quero em dólar, não importa o tempo que vocês demorem pra me pagar.

Paguei com os shows de Rondônia e o dólar caiu, quando equiparou. Era para ser nosso mesmo. São 33 mil metros. Sauna. Estúdio construindo. Horta, mais duas outras casas.

Durante três anos, entre 2005 e 2007 viajei com uma companhia chamada Brasil Brasileiro, com um grande elenco de cantores, como Elza Soares, Alaíde Costa, Jair Rodrigues e Marquinhos Satã, que agora é Santana, sambista do Rio. Fizemos França, Alemanha, Inglaterra e Emirados Árabes. No começo de 2008 fui para Dubai. Cidade de um *sheik* só. Pra visitar um hotel pagava-se 100 dólares.

Mas, também, em 2006 fui homenageado pelo Prêmio Tim de Música. Fui o primeiro artista vivo a ser homenageado. E também o primeiro cantor. Lembrei até do que o Nelson Cavaquinho cantava:



– *Sei que amanhã quando eu morrer/ os meus amigos vão dizer/ que eu tive um bom coração.*

Entrei no palco do Teatro Municipal do Rio para o Prêmio Tim cantando essa música. O povo veio abaixo. Recebi a homenagem emocionado e ainda interpretei *Disparada, Upa Neguinho* com a Elis no telão e o *Dois na Bossa*, sozinho e no mesmo tom dela. Até o Caetano estava lá e comentou comigo sobre esse detalhe.

Eu tenho certeza absoluta que, em relação à minha carreira, mudei para melhor. Meu comportamento no palco, tantas vezes criticado, está bem mais comedido. Eu reconheço que brincava demais. E até há pouco tempo, comecei a perceber que todo cantor que tem uma plateia grande fala demais em vez de cantar. Às vezes eu entrava nessa. Muitas vezes falava besteiras, sem ofender ninguém, às vezes certas músicas, certas brincadeiras que eu fazia. Agora canto e não falo. A minha maior crítica é minha mulher Clodine. Ela mais critica do que elogia.

Ela quase não vai aos meus shows, mas foi ao do Bar Brahma até o final do ano em temporada às sextas-feiras em 2009. Levei Jairzinho de novo. Ela não vai muito – *pra te criticar eu nem vou*. Faz tempo que venho fazendo o show dessa forma. Quando cheguei em casa, no dia seguinte, quando voltei da sauna, ela estava na cozinha:

– Olha, parabéns, o show foi um arraso.

Descobri ainda cedo que esse é o Jair Rodrigues. Como você canta, hein, veio? Antes me tratavam como um menino cachorrão que só gosta de brincar. Não me levavam a sério. Desde o Prêmio Tim pra cá mudou o meu conceito e as pessoas também mudaram o conceito ao meu respeito.

Sou a mesma pessoa dentro e fora do palco. Sempre fui assim. Hoje faço minhas brincadeiras, mas cantando. Termina a música, eu entro em outra. Não vou toda hora no meio do povo. As pessoas dentro de casa me corrigiram.

Meus filhos falam meio por metáfora, mas eu digo:

– Pode falar, gente!

– Pai, o senhor tá conversando demais! Se cantasse mais, seria mais legal.

Eu me defino como um garoto de engenho, lutador, sempre botei muita fé. Sei absolutamente que nunca vi Deus, mas sinto que foi a presença dele que me fez ser o que sou, que me deu esse dom de cantar. Sei também que, se eu não lutar, não vai cair do céu, não. E procurei me desenvolver musicalmente. Sempre procurei gravar músicas bonitas, boas, maravilhosas. Não vou cantar besteiro!

Aos 70 anos eu me cuido. Aliás, sempre me cuidei.

Aos 70 anos e a saúde em forma

Meu único problema de saúde aconteceu em 2003 quando, ao fazer um *check-up*, descobriram um pontinho preto na borda da próstata. Fui fazer o tratamento com o Dr. Erik, de origem alemã, já falecido. Para não operar, tomei injeções todo o mês e ele disse que era para o resto da vida. Tomei até 2008. Quando o Dr. Erik faleceu, a Clodine resolveu procurar o Dr. Drauzio Varella. A injeção que eu tomava havia afetado a libido e tinha muito hormônio feminino.

Fizemos novo exame e o Dr. Drauzio mandou parar com a injeção. Em novembro de 2008 ele me pediu novo exame e em janeiro deste ano fiz outro. Foi então que me deu os parabéns e, para não me submeter à cirurgia, tive que fazer 40 sessões de radioterapia. Cumpri religiosamente, não podia falhar nenhuma. Ele havia me dito:

– Onde você estiver tem que vir. Todos os dias, de segunda a sexta-feira.

Como eu tinha shows, eu marcava para pegar o avião à tarde e fazia radioterapia pela manhã. Saía daqui às cinco horas, ia para o Sírio Libanês que ligava a máquina às seis horas. Eram 14 minutos. Fiz sem falhar um dia. Se falhasse teria que começar tudo de novo. Não tive reação alguma. Fiz um novo exame e as palavras do doutor Drauzio para mim:

– De câncer você não morre mais. A única coisa é o colesterol no limite. Então, evite alguns alimentos.

Fiz novo exame e abaixei total meu colesterol. Ele também me liberou para voltar a jogar futebol. Não sou dado a comer muita gordura, mas sou vidrado em amendoim. E parei. Adoro amendoim, castanha, justo essas coisas. Parei também com o azeite. Mas compreendi que o que faz mal para a gente é a cabeça.

Depois que eu fiz essa radioterapia em que levantava todos os dias às cinco horas, confundiu toda a minha cabeça, virou uma mudança de fuso horário pra mim. Agora não consigo mais dormir até tarde. Às sete horas eu acordo. Terça-feira cheguei aqui tipo três e meia da manhã, as sete estava acordado.



Fico vendo televisão, lendo os jornais. Se não tiver nada pra fazer fico vendo teve até às três da manhã, acompanhado do bem-abençoado, o controle remoto.

Minha rotina: às vezes passo aqui uma semana sem nada para fazer. Na outra semana eu tenho dez, 15 shows, todo dia. Viajo com a banda. Quem vai comigo é o irmão da Clodine, Pedro, que é meu cunhado, mais quatro músicos (teclado, baixo, bateria, violão e viola), o *roddie* mais o técnico e eu.

Sempre peço para a Rosângela, minha secretária, para escrever tudo o que tenho de fazer. Costumo sempre ir com meu cunhado pescar. Adoro pescar, principalmente esses tanques de Pesque e Pague. Lá só é proibido soltar o peixe. Eu trago para casa os peixes. Em geral vou a Jarinu, fazenda de 110 alqueires, os donos se tornaram nossos amigos, eles têm restaurante e todo mês fazem *show*, todo ano eu faço, Jair Rodrigues, Moacyr Franco, Luís Ayrão.

Quando não vou para a sauna de manhã, vou à tarde ou à noite. Todos os dias. Detesto hoje ir para a cidade. O único lugar que ainda vou é na Rua Santa Ifigênia, levar alguma coisa para consertar. Outro dia me indispus com um cara. Fui levar uma TV para arrumar, aqui em Cotia. Pô, Jair Rodrigues que pode comprar essas TVs LCD fica mandando consertar coisa velha. O que você falou aí amigo? Você tem alguma coisa a ver com isso?

Também frequento a igreja Nossa Senhora da Conceição, do padre Pedro aqui pertinho, nas missas dos domingos. E juntos estamos fazendo uma fundação aqui. Algumas coisas já estão funcionando. Pegar crianças para ensinar música, tirar as crianças da rua. Estamos entrando em entendimento para fazer doações de instrumentos e professores que possam dar aulas.

Tenho amigos no sacolão de Cotia. Às vezes eu vou lá comprar legumes, verduras, gosto de quiabo, jiló, não tenho tomate, gosto de laranja, banana, rúcula, agrião, a gente não tem na horta, quando estou pagando sempre vem o dono, que é da entidade assistencial Kibô-no-lê, e todos os anos faço show beneficente pra eles, ele não cobra, mas não gosto disso.

Só saio quando tenho um compromisso de ensaio, de televisão. O resto é tudo aqui. Minha sogra, dona Maria, também mora no terreno aqui. Em outra casa que mandamos construir.

Meu sítio em Cabreúva, entrei em entendimentos com uma grande firma e vamos lotear os 32 alqueires.

Acho que fui um dos últimos cantores que diversificou muito o repertório.

Já me disseram para que eu gravasse um disco com Maria Rita, mas isso caberia mais com o Jairzinho ou a Luciana e o Pedro Mariano. Tudo o que eu tinha que fazer com Elis eu fiz e ninguém vai suplantar isso.

Minha empresária é a Clodine e o escritório é aqui mesmo, em casa. A Clô é quem administra o dinheiro e ela não estudou para isso, mas é uma administradora nata. Tanto ela quanto meu cunhado. Tudo o que se gasta, as prestações de contas, eu nem quero saber, mas ela faz questão.

Continuo sendo um pão-duro. Às vezes quero comprar um sapato, *ô Clodine, eu vi um sapato assim assim, me faz um cheque que eu vou lá comprar o sapato*. O máximo que tenho no banco é 2 mil reais. Aí ela pergunta onde é e no dia seguinte traz o sapato, traz um ainda melhor. Meus ternos, minha camisa, tudo é ela quem compra.

Eu aprendi muito cedo a fazer de tudo, aprendi a cozinhar, sei lavar, sei passar e sei costurar. Mas só em caso de muita necessidade é que eu faço. Eu gosto de comida pesada... Eu gosto de rabada, de dobradinha, eu gosto de mocotó, o importante é você tirar aquelas gorduras...

Meus filhos moram bem perto de mim, a uns dois quilômetros daqui.

Minha primeira neta chama-se Isabela. Nasceu em julho de 2007. A Isabela é filha do Jairzinho com a atriz Tânia Kalil. A filha da Luciana com Ike Levi chama-se Nina, nasceu em maio de 2009. O Jairzinho com a Tânia e a Isabela vêm pouco aqui, porque eles têm o compromisso deles. Ela fica lá com a babá. Então, se a gente quiser vê-la tem que ir lá. Mas a Nina com a Luciana e o Ike estão sempre aqui.

Minha neta Isabela, quando ela ainda era de colo, ela via a gente, via eu e meu cunhado, ela olhava pra gente e começava a chorar. Eu dizia:

– Velho, nós estamos espantando a nenê aqui!

E agora que ela já está falando, que já está andando e tudo, ela brinca com a gente, mas pouco. Agora, a Nina, é gozado, porque ela me vê e quer vir no meu colo e fica pegando no meu nariz, no meu olho e me mordendo, e morde, ri.

Essa semana veio aqui o Sebastian, aquele da propaganda da C&A, nós somos muito amigos. Volta e meia, ele mora aqui, e, nossa senhora, a Nina quando viu ele danou-se a gargalhar. Incrível! A Clodine até filmou. A Nina não estranha ninguém, mas a Isabela estranha. Ela é meio que parecida com o pai. O Jairzinho é meio retraído, vive no mundo dele.

O Jairzinho, se você, por exemplo, não ligar pra ele, vamos supor, passa uma semana e você não ligar para ele, ele também não te liga. Mas é que ele é assim desde molecote. Ficava enfiado ali no quarto dele, estudando, uma outra cabeça. A Luciana já é mais o Jair Rodrigues. De vez em quando:

– Ô pai, como é que está, está tudo bem?

O Jairzinho eu só fico sabendo que ele vai viajar por vias tortas. E quando telefono:

– Jairzinho, onde você está? Está em casa?

– Não pai, estou aqui em Las Vegas!

Eu digo:

– Que diabos é isso? Fazendo o quê?

Ele diz:

– Não pai, eu viajei ontem.

– E não me avisa?

– Ah, pai, o senhor estava viajando, mas a mãe não te avisou não?





Eu falei:

– Não.

Porque eu vejo pouco a Clodine agora, porque a vida dela é mais curtir as netas, porque ela sai daqui de casa, como saiu agora, e eu só vou ver Clodine lá pelas sete horas da noite ou então dez, onze horas, quando ela chega. Ela vai ver as netas. A vida dela é assim, sai daqui, vai ver as netas, cuida dela também, vai fazer as coisas.

Que beleza! Esta é a minha vida.

Estou longe de querer me aposentar.

A gente só se aposenta se Deus leva.

Cronologia

2010

Temporada na Bar Brahma, São Paulo.

Apresenta-se no Palco do Samba, no Centro, durante a Virada Cultural de São Paulo.

2009

Completa 50 anos de carreira. Show comemorativo no Auditório Ibirapuera, em que também comemorou 70 anos de vida.

Apresentação em Paris, França.

2008

Temporada no Bar Brahma.

2007

Shows em Bahrin – Península Árábica, Dubai.

2006

Grande homenageado no Prêmio Tim de Música Popular Brasileira.

Recebe o troféu no Teatro Municipal do Rio de Janeiro.

2005

Temporada no Bar Brahma.

Apresentações em Cabo Verde, Toulouse, Paris, Madrid, Barcelona, Londres.

2001

Apresenta-se, com a filha Luciana Mello, no Rock in Rio, Tenda Brasil.

1999

Lança cd gravado ao vivo com repertório dos 1960, quando dividia palco e LPs com Elis Regina

Show no Olympia, São Paulo, para a gravação de novo disco *500 Anos de Folia*, para a gravadora Trama.

Desfila na Escola de Samba Leandro de Itaquera.

Apresenta-se no trio-elétrico de Margareth Menezes, em Salvador, Bahia.

– Show no Mistura Fina e Teatro Rival, Rio de Janeiro.

1985

Apresentação no 150 Night Club: Jair Rodrigues a todo vapor

Lança o sucesso *Majestade, o Sabiá*, com a dupla Chitãozinho e Xororó.

1984

Aplaudido de pé no festival de San Remo, ao cantar *Disparada*.

Lança na Itália o LP *Luzes do Prazer*, produzido por Rildo Hora e gravado pela Polygram, com músicas de Rildo, Humberto Teixeira, Zé Keti, Nelson Cavaquinho, Ataulfo Alves e Hermínio Bello de Carvalho.

Grava, com o filho Jair Oliveira, o Jairzinho, a música *Io e Te*, em italiano, cujo verso *voglio fare uno gol a la Pelé* eletriza a plateia italiana.

– Temporada de seis meses na Itália, passando por Milão, Roma, Veneza, Bolonha, Florença, com o espetáculo *Brasile in Revista*, do qual participavam 54 artistas brasileiros, ele como convidado especial.

1985

– Temporada na gafieira Asa Branca, Rio de Janeiro.

1982

– Morte da cantora e ex-parceira Elis Regina.

– Jair concedeu entrevista coletiva para esclarecer que jamais disse à imprensa que alguns artistas usavam drogas. *Não sou dedo-duro*.

1981

– Temporada no Japão com os músicos do Sexteto J.R.

1980

– Temporada na Itália.

1979

– Nasce a filha Luciana.

1975

– Temporada de 13 noites no Olympia de Paris, França.

1975

Nasce o filho Jair Oliveira.

1974

Casa-se com Clodine.

1971

Apresentação apoteótica com Originais do Samba, no Midem (Mercado do disco), em Cannes.

Em Paris, grava programas para a TV francesa, além de entrevistas para emissoras de rádio.

Participa do Festival de Viña del Mar, no Chile.

Grava o LP *Festa para um rei negro*, contendo o samba-enredo homônimo da escola de samba carioca Acadêmicos do Salgueiro, do compositor Zuzuca (Adil de Paula), um de seus grandes sucessos e um dos mais conhecidos refrões da história do carnaval brasileiro: *Ô lê lê, ô lá lá/ pega no ganzê/ pega no ganzá*.

1969

Show de entrega dos Prêmios Golfinhos de Ouro e Troféus Estácio de Sá, do Museu da Imagem e do Som, Sala Cecília Meireles, Rio, ao lado de Clementina de Jesus.

Apresenta-se com Elis Regina e o Zimbo Trio no Cassino Estoril, em Portugal, no Teatro Famoso, na Argentina, e no Cine Ávis, em Angola, entre outros espaços.

1968

Participa do filme *Jovens pra Frente*, de Alcino Diniz, onde interpreta Jair Rodrigues, ao lado de Rosemary e Oscarito.

Participa do IV Festival de Música Popular Brasileira (TV Record), obtendo a terceira colocação do júri popular com a música *A família* (Chico Anysio e Ari Toledo).

Participa da Bienal do Samba (TV Record), em São Paulo, defendendo *O que dá pra rir, dá pra chorar* (Billy Blanco), classificada em quinto lugar. Elis vence com *Lapinha* (Baden Powell e Paulo César Pinheiro).

Lança o LP *Menino Rei da Alegria*.

Das oito músicas que interpretou nos festivais, seis foram classificadas e uma vitoriosa – *Disparada*, de Geraldo Vandré. Aquelas foram *Canto Chorado*, de Billy Blanco, *Coisas do Mundo Minha Nega*, de Paulinho da Viola, *Canção Para Maria*, também de Paulinho da Viola, *Violeiro*, de Homero Murtinho, *Samba de Maria*, de Vinicius de Moraes e Francis Hime, e *O Combatente*, de Válter Santos e Teresa Sousa.

Temporada com Elis Regina e Bossa Jazz Trio, em Buenos Aires.

1966

Sua interpretação de *Disparada* (Geraldo Vandré e Téo de Barros) empatou com *A Banda*, de Chico Buarque, no II Festival de Música Popular Brasileira, da TV Record.

Recebe Troféu Roquete Pinto.

Lança um de seus maiores sucessos, *Tristeza* (Niltinho/ Haroldo Lobo).

Também atuou em festivais no exterior, como Montreux e San Remo.

1965

Substitui Baden Powell no show realizado no Teatro Paramount, em São Paulo. Dias 8, 9 e 10 de abril de 1965, no espetáculo *Dois na Bossa*, Teatro Paramount, em São Paulo. Na ocasião, cantou pela primeira vez ao lado daquela que seria sua parceira, a estreante Elis Regina, com quem lançou em seguida o LP *Dois na bossa*, gravado ao vivo.

Comanda, ao lado de Elis Regina, *O Fino da Bossa*, na Record, um dos mais importantes musicais da televisão brasileira.

Recebe o Troféu Roquete Pinto.

1964

Seus primeiros LPs foram *Vou de Samba com Você* e *O Samba como Ele É*, lançados em 1964. Nessa época, atingiu grande popularidade com sua interpretação da música *Deixa Isso pra lá* (Alberto Paz e Edson Menezes), marcada pela gesticulação que fazia com a palma da mão.

Recebe Troféu Roquete Pinto.

1963

Grava o maior sucesso de sua carreira, *Deixa Isso pra lá*, de Edson Menezes e Alberto Paz.

Recebe o Troféu Roquete Pinto como sambista revelação paulista.

1962

Grava o primeiro disco (78 rpm) com duas músicas para a Copa do Mundo do mesmo ano: *Brasil Sensacional* e *Marechal da Vitória*, essa última muito executada pela Rádio Record.

Lança, em seguida, um compacto simples com as canções *Balada do Homem sem Deus* (Fernando César e Agostinho dos Santos) e *Coincidência* (Venâncio e Corumba).

1960

Passa a cantar na capital paulista, participando de programas de calouros, entre os quais o *Programa de Cláudio de Luna* (Rádio Cultura), no qual consegue a primeira colocação.

1959

Muda-se para São Paulo e começa a carreira na noite.

1957

Atua como *crooner* em casas noturnas em São Carlos, interior de São Paulo.

1953

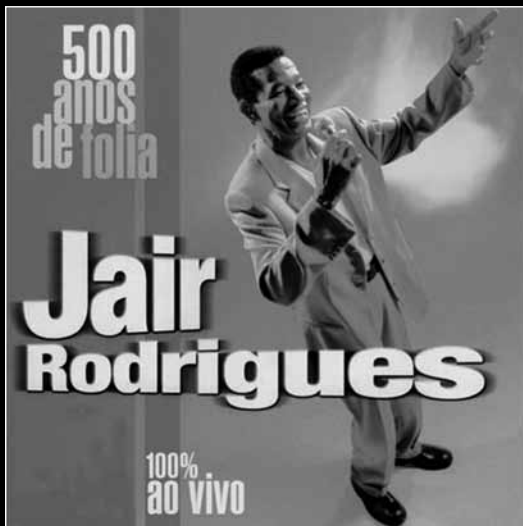
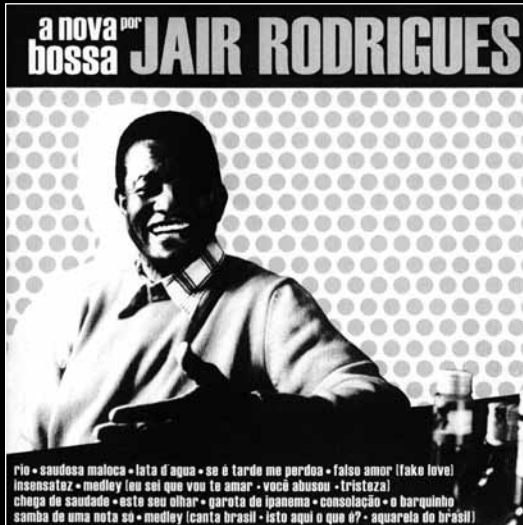
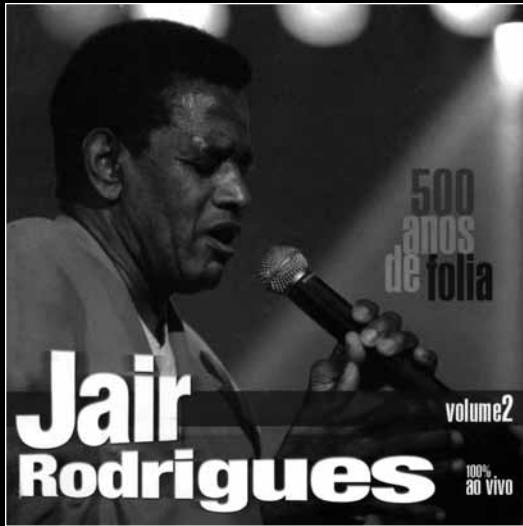
Muda-se com a família para São Carlos, interior de São Paulo.

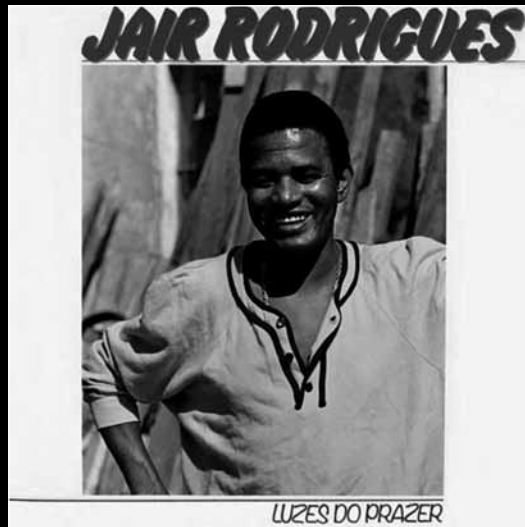
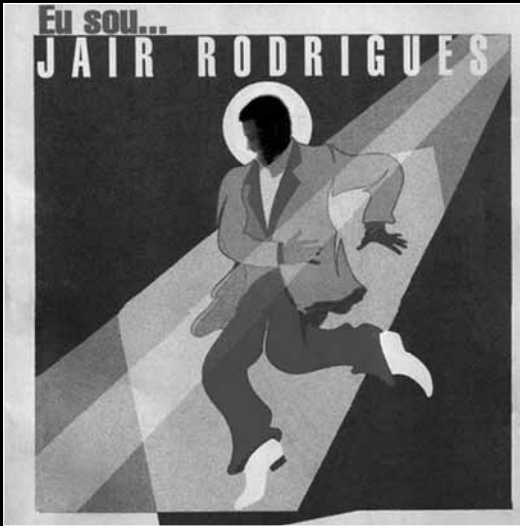
1940

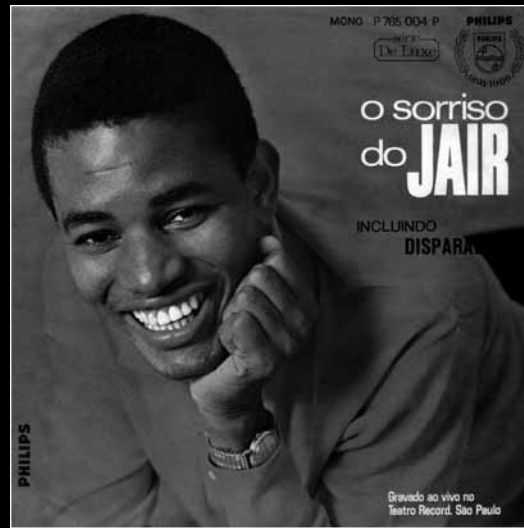
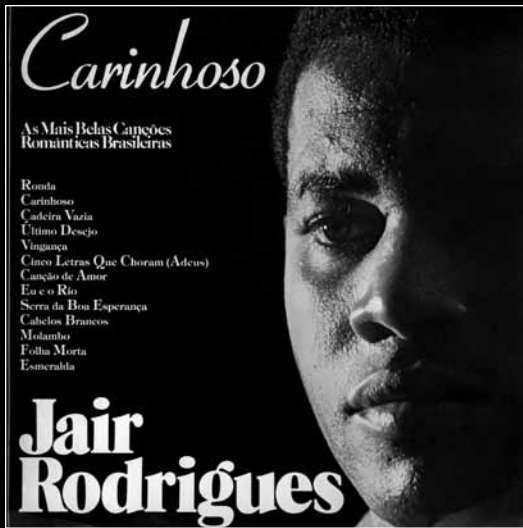
Muda-se com a família para Nova Europa, interior de São Paulo.

1939

6 de fevereiro, nasce, em Igarapava, São Paulo.







P. 632 765 L

elis regina e jair rodrigues

na bossa

"Agora" grande ao vivo no teatro promissor - São Paulo

JAIR RODRIGUES

Antologia da Seresta

JAIR RODRIGUES

à l'Olympia

PHILIPS

ENREGISTREMENT PUBLIC

é isso aí... JAIR RODRIGUES

Jair de todos os sambas

nº 2

JAIR RODRIGUES

"PISEI CHÃO"



JAIR RODRIGUES

INTÉRPRETE

Crédito das fotografias

Acervo pessoal

A Editora agradece quaisquer informações sobre os detentores dos direitos das imagens não creditadas neste livro, bem como de pessoas não identificadas nas fotografias, apesar dos esforços envidados para obtê-las.

Coleção Aplauso
Série Música

Coordenador geral
Rubens Ewald Filho

Projeto gráfico
Via Imprensa Design Gráfico

Direção de arte
Clayton Policarpo
Paulo Otavio

Editoração
Douglas Germano
Emerson Brito

Tratamento de imagens
José Carlos da Silva

Revisão
Heleusa Angelica Teixeira

CTP, impressão e acabamento
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

© Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2012

Biblioteca da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Echeverria, Regina

Jair Rodrigues : deixa que digam, que pensem, que falem /
Regina Echeverria. – São Paulo : Imprensa Oficial do Estado de São
Paulo, 2012.

144p. : il. – (Coleção aplauso. Série música / Coordenador geral
Rubens Ewald Filho)

ISBN: 978-85-401-0024-4

1. Música popular – Brasil – História e crítica 2. Cantores – Brasil
3. Rodrigues, Jair, 1939 I. Ewald Filho, Rubens. II. Título. III. Série.

CDD 780.92

Índice para catálogo sistemático:

1. Brasil : Cantores : Biografia 780.92

Proibida a reprodução total ou parcial sem a autorização prévia do
organizador e dos editores

Direitos reservados e protegidos
(lei nº 9.610, de 19.02.1998)

Foi feito o depósito legal na Biblioteca Nacional
(lei nº 10.994, de 14.12.2004)

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
de 1990, em vigor no Brasil desde 2009

Impresso no Brasil 2012

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo
Rua da Mooca, 1.921 Mooca
03103-902 São Paulo SP Brasil
sac 0800 01234 01
sac@imprensaoficial.com.br
livros@imprensaoficial.com.br
www.imprensaoficial.com.br

**GOVERNO DO ESTADO
DE SÃO PAULO**

Governador
Geraldo Alckmin

Secretário Chefe da Casa Civil
Sidney Beraldo

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo
Diretor-presidente
Marcos Antonio Monteiro

Formato 21 x 26cm
Tipologia Chalet Comprime e Univers
Papel capa triplex 250g/m²
Papel miolo offset 120g/m²
Número de páginas 144

